

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LARISSE OLIVEIRA

**“LINHA PRETA”: ANÁLISE SOBRE O ROTEIRO NEGRO E A INVISIBILIDADE  
CURITIBANA**

CURITIBA-PR

2018

LARISSE OLIVEIRA

**“LINHA PRETA”**: ANÁLISE SOBRE O ROTEIRO NEGRO E A INVISIBILIDADE  
CURITIBANA

Projeto de Planejamento e Gestão em Turismo apresentado à disciplina de Projeto de Planejamento e Gestão em Turismo II, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Turismo.

Orientador: Prof. Dr. Sandro Campos Neves

CURITIBA-PR

2018

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus pela vida, família e oportunidades de estudo que me foram concedidas.

As minhas mentoras Lucimar Rosa Dias e Neli Gomes da Rocha que me orientaram, consolaram e me incentivaram a não desistir e lutar pelo que acredito. Mesmo quando tudo parecia perdido, em meio a tantas violências que sofri nesses quatro anos de curso, elas estavam lá para me ouvir e acima de tudo para me amparar.

A Trilhas – Empresa Junior do Curso de Turismo, onde me possibilitou oportunidades de conhecer pessoas maravilhosas e executar projetos que fizeram a diferença na minha vida pessoal e profissional.

Ao NEAB, onde em um momento de extrema fragilidade me acolheu e abriu portas para que eu pudesse prosseguir.

Ao meu professor orientador Sandro Campos Neves pela paciência, a professora Franciele Manosso pelo auxílio, apoio e ensinamentos acadêmicos.

Aos amigos e colegas que conquistei ao longo deste período, dividindo histórias, viagens e me mostrando que não estava só.

E por fim as diversidades pelas quais fui submetida, que me trouxeram oportunidades de melhorar como pessoa e de perceber que se nasci em um mundo onde não me encaixo, é porque nasci para ajudar a criar um novo.

*“Sou Como A Haste Fina, Que Qualquer  
Brisa Verga, Mas Nenhuma Espada  
Corta”.*

*Carta De Amor - Maria Bethânia.*

## RESUMO

A questão étnica-racial vem sendo amplamente discutida dentro da atividade turística, principalmente ao que diz respeito a criação de roteiros que contemplem as mais diferentes etnias ressaltando-as, enquanto, elemento primordial da cultura dos destinos turísticos. A presente pesquisa busca, desse modo, investigar a **Linha Preta** um trajeto turístico que perpassa a cultura negra de Curitiba. O lançamento do projeto original ocorreu durante o II Congresso de Pesquisadores/as Negros/as da Região Sul - COPENE SUL, organizado pelo NEAB – Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal do Paraná (UFPR), no ano de 2015. O roteiro perpassa 21 pontos que contam a história ou que tenham alguma relação com a cultura negra presente em Curitiba, tais como construções em que a mão de obra foi composta por escravos e profissionais negros até locais onde há retratação ou homenagens aos imigrantes africanos. Destaca-se, então, as Ruínas de São Francisco, a Igreja do Rosário, o Memorial de Curitiba, a Praça Tiradentes e a Sociedade 13 de maio. Desse modo, o objetivo da presente pesquisa pauta-se na análise da percepção de quem faz e de quem participou do roteiro, levando em consideração o contexto racial existente em Curitiba, devido à construção de uma forte identificação e construção com a cultura europeia, bem como verificou de que maneira o referido trajeto pode contribuir como um espaço de permanência e construção de pontos de memória e ancestralidade. Como metodologia de pesquisa foi empregada a bibliográfica e documental, bem como entrevistas com usuários para se compreender a percepção destes frente ao roteiro analisado.

Palavras-chave: Turismo étnico racial. Afro curitibanos. Linha Preta.

## ABSTRACT

The ethnic-racial question has been widely discussed within the tourist activity, especially as regards the creation of itineraries that contemplate the most different ethnicities emphasizing them, as a primordial element of the culture of the tourist destinations. The present research seeks, therefore, to investigate the "Black Line" a tourist route that crosses the black culture of Curitiba. The launch of the original project took place during the Second Congress of Black Researchers of the Southern Region - COPENE SUL, organized by NEAB - Nucleus of Afro-Brazilian Studies of the Federal University of Paraná (UFPR) in the year 2015. The script pervades 21 points that tell the story or that have some relation with the black culture present in Curitiba, such as constructions in which the labor was composed by slaves and black professionals to places where there are retraction or tributes to the African immigrants. Highlights include the Ruins of St. Francis, the Church of the Rosary, the Memorial of Curitiba, Tiradentes Square and the Society May 13. Thus, the objective of the present research is based on the analysis of the perception of who does and who participated in the script, taking into account the racial context existing in Curitiba, due to the construction of a strong identification with the European culture, as well as verify in what way the said route can contribute as a space of permanence and construction of points of memory and ancestry, becoming, thus, a tourist product to be commercialized within the tourist destiny. As a research methodology, bibliographic and documentary were used, as well as interviews with users to understand the perception of these in front of the script analyzed.

Keywords: Ethnic racial tourism. Afro curitibanos. Black Line.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1: Identidade Visual.....	49
Figura 2: Sumário Sugerido - Linha Preta .....	84

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1: Cronograma de Execução.....	83
Tabela 2: Cronograma do Curso.....	86
Tabela 3: Orçamento para Recursos Humanos .....	87
Tabela 4: Custos do Projeto – Recursos Materiais .....	88

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
1.1 OBJETIVOS .....	10
1.1.1 Objetivo geral .....	11
1.1.2 Objetivos específicos.....	11
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	<b>12</b>
2.1 CONTEXTO HISTÓRICO PARANAENSE E SUA “MEMÓRIA CONSTRUÍDA” .	12
2.1.1 Quilombos e a presença negra no Paraná .....	17
2.1.2 Fazenda Capão Alto.....	18
2.2 CURITIBA E SUA AFRICANIDADE .....	20
2.3 CULTURA, ETNIA E ETNICIDADE .....	23
2.4 CONCEITO DE TURISMO/TURISTA.....	27
2.4.1 Turismo Cultural .....	28
2.4.2 A importância do Turismo Cultural e da Identidade.....	30
<b>2.5 LINHA PRETA</b> .....	<b>31</b>
2.5.1 PONTOS, segundo Curitiba (2016).....	32
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>37</b>
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	37
3.1.1 Quanto à Natureza .....	37
3.1.2 Quanto aos objetivos.....	38
3.1.3 Quanto aos procedimentos técnicos .....	39
3.1.4 Instrumento de Coleta de Dados .....	40
<b>4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>41</b>
4.1 HISTÓRIA DO ROTEIRO.....	41
4.1.1 Reuniões da Fundação Cultural de Curitiba.....	44
4.1.2 Dificuldades.....	45
4.2 O ROTEIRO NA ATUALIDADE .....	48
4.3 PLANOS PARA O FUTURO .....	73
<b>5 PROJETO DE TURISMO.....</b>	<b>77</b>
5.1 DESCRIÇÃO DO PROJETO.....	78
5.2 ETAPAS PARA A EXECUÇÃO DO PROJETO.....	80
5.2.1 Apresentação .....	80
5.2.2 Descrição das etapas para execução do projeto.....	81



5.2.3 Descrição dos Recursos Humanos envolvidos em cada etapa.....	86
5.2.4 Descrição do Orçamento e dos desembolsos por etapa.....	87
5.2.5 Avaliação do Retorno do Investimento.....	88
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>90</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>92</b>
<b>APÊNDICE 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA GESTORES.....</b>	<b>97</b>
<b>APÊNDICE 2 – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA POPULAÇÃO.....</b>	<b>98</b>
<b>ANEXO 1 – LÍCEU DOS OFÍCIOS.....</b>	<b>99</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Curitiba omite informações sobre as contribuições históricas, culturais e sociais da cultura afrobrasileira, pois entende que a interpretação de um patrimônio histórico ou cultural representa uma parcela da identidade do monumento e história dos habitantes locais, logo justifica-se o emprego da temática do presente projeto de pesquisa. O art. 216 da Constituição Federal afirma que:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - As formas de expressão;

II - Os modos de criar, fazer e viver;

III - As criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV- As obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - Os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

§ 1º O poder público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.

§ 2º Cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem.

§ 3º A lei estabelecerá incentivos para a produção e o conhecimento de bens e valores culturais.

§ 4º Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei.

§ 5º Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos. (CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, 1990).

Deste modo, pode-se perceber que, independentemente de ser material ou imaterial, o patrimônio dos grupos formadores da sociedade brasileira deveria ter lugar na política de patrimônio, onde quer que tais grupos tenham tido influência na formação da cultura local, em qualquer parte do território nacional. A arquitetura e a essência tornam alguns monumentos importantes atrativos turísticos, direcionados para aqueles visitantes que tem o intuito de conhecer e interagir com a cultura local (DELGADO; PAZOS, 2013).

A contribuição dos povos africanos na história do Paraná e de Curitiba é relevante para o conhecimento da herança cultural brasileira. Entretanto, a disseminação de uma “Curitiba branca” propaga somente a ideia eurocêntrica da capital curitibana, inviabilizando a figura do negro na sociedade, com todas suas

contribuições. Muitos curitibanos desconhecem as contribuições da cultura negra na cidade. Para Moraes e Souza (1999) houve em Curitiba um processo de invenção de tradições, fazendo referência a um passado inventado, retirando a participação do negro da identidade curitibana afirmando que "não é que o negro não seja visto, mas sim que ele é visto como não existente", sendo um dos pontos centrais do debate a ser realizado posteriormente.

Portanto, a finalidade de se desenvolver um trabalho que aborde a referida temática é de desenvolver conhecimento e enriquecimento cultural, tendo em vista que a cultura afrodescendente não é disseminada e trabalhada da mesma forma que as demais em Curitiba.

A presente pesquisa busca, desse modo, investigar a **Linha Preta**, um trajeto turístico que perpassa a cultura negra de Curitiba, concebida durante o II Congresso de Pesquisadores/as Negros/as da Região Sul- COPENE SUL, organizado pelo NEAB – Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal do Paraná, no ano de 2015. O trajeto inicial da **Linha Preta** abarca treze pontos que contam a história ou que tenham alguma relação com a cultura negra, como construções em que a mão de obra foi composta por escravos e profissionais negros, até locais onde há retratação ou homenagens aos imigrantes africanos.

Desta forma, os pontos apresentados no roteiro são relevantes, pois simbolizam um lugar de identidade e memória negra em Curitiba através do processo de desenvolvimento de interpretação do patrimônio histórico e cultural que é essencial para a expansão do conhecimento e conservação da herança da origem dos povos africanos.

Diante do exposto, traz-se como o problema de pesquisa: Como o percurso da Linha Presta está sendo executado atualmente? Qual o impacto deste roteiro na percepção das pessoas que o fazem ou que participaram em relação à cidade de Curitiba?

## 1.1 OBJETIVOS

A partir do problema de pesquisa, os seguintes objetivos foram elencados.

### 1.1.1 Objetivo geral

Analisar os fatores que envolvem a **Linha Preta** a partir de sua concepção retratando sua história.

### 1.1.2 Objetivos específicos

- ✓ Analisar na visão dos agentes do poder público, agentes sociais, acadêmicos e pessoas interessadas em participar do roteiro qual o impacto deste percurso na percepção de quem o realiza, as dificuldades enfrentadas ao longo do tempo e a importância do mesmo para a valorização da cultura negra em Curitiba;
- ✓ Propor soluções para a melhoria do roteiro **Linha Preta**.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

Nos próximos tópicos, a partir da fundamentação teórica, serão destacadas as principais características e conceitos que envolvem o entendimento da história da composição do Paraná e Curitiba, conceitos sobre cultura e suas reflexões e uma breve explanação sobre os pontos que compõem o roteiro. Para tanto, serão abordadas discussões de autores relacionados à temática com o intuito de atingir os objetivos propostos e solucionar a problemática estabelecida como norte da presente pesquisa.

### 2.1 CONTEXTO HISTÓRICO PARANAENSE E SUA “MEMÓRIA CONSTRUÍDA”

Moraes e Souza (1999) dissertam o que alguns autores defendem como “memória construída”, conforme apresentado no livro de Wilson Martins intitulado “Um Brasil diferente”, a região sul do Brasil é o local onde a influência de elementos culturais estrangeiros mais se aproxima de um local branco, com muitas influências europeias e mais civilizada sendo então sua grande singularidade em relação aos outros estados do Brasil. Além disso, no mesmo livro o autor escreve um capítulo intitulado “Não houve escravatura no Paraná” afirmando que:

O belo tipo físico paranaense, de cabelos castanhos, se distinguia, ainda, dos demais brasileiros, por um traço fundamental de importância: Não se misturava com o negro, existente em reduzidíssimo número em toda a província no decorrer da história, e que por isso não a invadir sexualmente os hábitos desses rústicos senhores primitivos (MARTINS, 1955, p. 136).

Além disso, reitera que não existiam grandes plantações agrícolas e, portanto, não havia escravos. Desta forma, no Sul os colonos desconhecem a escravatura. E o pequeno número de negros escravizados da época foi de fácil emancipação por ser quase inexistente. Entretanto, ao mesmo tempo em que o autor afirma quase não haver escravos, relata que as mulheres africanas eram empregadas em trabalhos domésticos, por serem mais fortes e hábeis com a cozinha apesar de ao final do capítulo expor que “esses pretos eram preguiçosos” (MARTINS, 1955, p. 141) e que os escravizados existentes possuíam uma vocação doméstica e urbana. Reafirmando sempre o *status* de escravo como o de subserviência, dando a entender que os africanos nasceram para servidão. Martins (1955), por várias vezes,

fala sobre a índole paranaense, o número de escravos que nunca crescia o movimento migratório fecundo e ininterrupto que compunha o estado, e que os escravos que aqui trabalhavam viviam muito bem, pois seus senhores eram extremamente sentimentalistas e preocupados com o bem-estar dos mesmos. E quando a emancipação do dia 13 de maio chegou, no Paraná estava quase tudo feito sem nenhum ruído de violência. Desta forma, reitera que o negro no Paraná sempre teve a tendência de desaparecer:

A bela raça paranaense, que está se formando no cruzamento do anglo-saxão, do latino, do eslavo, inteligente, viçosa, empreendedora, é digna de toda a solitude, de todos os sacrifícios, para não desmerecer de seu brilho (MARTINS, 1955, p. 143).

Como se não se bastasse as afirmações equivocadas, racistas e estereotipadas ainda completa com a seguinte frase: [...] Não é somente a alvura da pele o que impressiona o homem paranaense, é todo o conjunto de traços físicos europeus, que substituíram aos da definição clássica de “brasileiro” (MARTINS, 1955, p. 143).

Segundo o autor, não faz sentido, diante da realidade, falar em predomínio de uma ou outra etnia, a não ser em pequenas regiões nitidamente limitadas. O autor ainda conclui o livro afirmando que:

Assim é o Paraná. Território que, do ponto de vista sociológico acrescentou ao Brasil uma nova dimensão, a de uma civilização original construída com pedaços de todas as outras. Sem escravidão sem negro, sem português e sem índio. Dir-se-ia que sua definição humana não é brasileira. (MARTINS, 1955, p. 468).

Desta forma, este tema é tratado de modo assíduo nos três estados que compõe a região, disputando qual é o mais branco e o mais europeizado. Em Santa Catarina e Rio Grande do Sul muitos argumentos ligados ao orgulho sobre sua composição étnica europeia e omissão quanto à presença negra são parecidos aos argumentos que se encontram no Paraná. “Um sintoma da maneira como estes estados percebem-se em relação ao restante do país é observável no, sempre incipiente, movimento separatista que tem por lema *o Sul é o meu país*” (MORAES; SOUZA, 1999, p. 2).

Ao tratar da história do Paraná um dos nomes de grande prestígio é o de Romário Martins, considerado um dos grandes historiadores e pensadores

paranaenses que em 1899 publicou um livro didático sobre a história do Paraná. Nesta obra pondera que o negro escravizado é como "agentes da riqueza colonial, individual e política, e elemento formador da nossa nacionalidade" (MARTINS, 1995, p. 129), chamando atenção, também, para o fato de que a influência dos negros "no caráter brasileiro não pode ser obscurecida" (MARTINS, 1995, p. 129). Mesmo com essa visão avançada sobre o negro da época, Romário Martins não deixou de expor seu preconceito a pessoas negras: "fetichistas ao extremo", "bruxos", "artistas detestáveis" e "passivos" (MARTINS, 1995, p. 130).

Além disso, este autor acreditava que os negros tinham "pouca capacidade de assimilação da cultura ariana" (MARTINS, 1995, p. 130) e que os sentimentos que os negros escravizados tinham do Brasil eram em regra os melhores possíveis, pois expõe que a escravidão foi quase uma salvação para sua etnia tão inferior, rústica e pobre no sentido cultural.

Martins (1995 p. 130) alega que "[...] a introdução de africanos foi insignificante no Estado do Paraná [...]" e que o processo de mestiçagem faria com que o negro desaparecesse no Estado, porque sempre foi minoria:

Esta assim o nosso país fazendo a sua evolução étnica e social muito mais rapidamente do que fizeram quaisquer dos povos europeus e realizando, muito mais perfeitamente, a assimilação dos elementos bárbaros que entraram na formação das suas populações do Velho Mundo, antes, pelo contrário, constitui-se, por desígnio insondável da Criação, um dos mais nobres tipos morais da Humanidade, do ponto de vista social, político e moral (MARTINS, 1995, p. 132).

Isto traz o questionamento de qual a influência que Romário Martins atribui aos africanos na formação do "caráter nacional". Considerando o cenário nacional, ele percebia como positivo o processo de branqueamento e via o Paraná como um lugar de destaque por ser "diferente" do resto do país concordando com Wilson Martins em vários outros pontos. Além de Romário outros intelectuais da época seguiam esse mesmo pensamento como Ruy Wachowicz que argumentava sobre o Paraná ser "Um Brasil mais Europeu" (WACHOWICZ, 1988, p. 154) ao considerar o Paraná como o maior "laboratório étnico" do Brasil, o que deu a este estado uma característica toda especial. A sua argumentação ainda que difira da de Romário Martins em alguns aspectos, mantém a problemática básica. Segundo Moraes e Souza (1999) estes autores tributam ao Paraná uma característica singular e

positiva, não pelo seu apelo à valorização a tudo que vem da cultura europeia, mas em função da não presença, principalmente, do elemento negro.

De acordo com Ferreira (2016) as vozes estabelecidas neste processo de invenção de tradições na qual se elege e enquadram determinadas memórias. Sendo comum a afirmação de que o Paraná e sua Capital teriam um número menor de negros, desta forma favorecia o discurso de uma ideia europeia e branca de civilização. Para ilustrar isso o trecho de um material de divulgação da cidade, escrito por engenheiros e urbanistas do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC), que sublinha alguns povos que colonizaram o estado, mas trás invisibilidade, por exemplo, a população negra: “Feita inicialmente por espanhóis, portugueses, índios e mestiços, a colonização do estado contou ainda com a influência de alemães, poloneses, italianos, ucranianos, entre outros, que vieram a se juntar aos pioneiros para contribuir com o desenvolvimento do Paraná (IPPUC, 2003, p. 23)”. Muitos materiais como este, foram divulgados na década de 90 e início do século XXI, desta forma, imbuídos com esses discursos deixavam de destacar o sistema escravocrata como um todo. Em Curitiba até o “frio” era capitalizado: “Aqui perdura a mania da elegância. Acho que pelo frio, a gente de Curitiba sempre está bem vestida para ir ao cinema, ao teatro, ao balé” (GAZETA DO POVO, 1999, apud ALMEIDA, 2006, p.78).

O racismo destaca-se por um costume de que é a parte integrante e que racionaliza: costume que combina estratégias de arquitetura e jardinagem com a medicina a serviço da construção de uma ordem social artificial, pelo corte de elementos da realidade presente que nem se adequam à realidade perfeita visada nem podem ser mudados para que se adequem (BAUMAN, 1998, p. 87).

Lima (2011) afirma que o efeito das afirmações citadas acima por esses autores é reforçar uma história oficial negligenciada. Não obstante sua relevância no contexto intelectual paranaense, eles têm dado legitimidade aos discursos contemporâneos sobre a configuração racial de Curitiba negando veemente a participação de africanos e seus descendentes na formação histórica da sociedade paranaense.

Os africanos foram trazidos ao Brasil na primeira metade do século XVI, apesar do alto custo para se manter um escravo, o Brasil enfrentou um grande problema pela falta de braços no trabalho da lavoura, era raro os camponeses que vinham ao Brasil, primeiro pelo clima e as doenças tropicais, esses só vinham



quando havia a perspectiva de enriquecimento rápido. Desta forma toda a estrutura da sociedade brasileira baseava-se no trabalho escravo (WACHOWICZ, 1988).

A sociedade organizada em solo paranaense era semelhante a que se encontrava no restante do Brasil, mas não era idêntica. Por mais que sistema de trabalho fosse africano ou indígena, não chegou a dominar devido ao tipo de economia que aqui se desenvolveu (WACHOWICZ, 1988). Os negros foram instalados no Paraná no regime escravocrata durante a época da mineração no Séc. XVIII e XIX. Em 1640 foi descoberto ouro nas encostas da Serra Negra próximo ao litoral Paranaense, desta maneira nasceu o primeiro núcleo populacional, denominada Vila Paranaguá.

Muitos mineradores e aventureiros se dirigiram rapidamente para a região, com eles, chegaram os primeiros escravos africanos. Naquele período cerca um quarto da população total do Paraná era composta por escravos (SILVEIRA, 2016). À medida que a mineração ia diminuindo, o escravo era transferido para agricultura e a pecuária no planalto, servindo como mão de obra nas minas, na agricultura, na criação de gado, na exploração do mate e da madeira. Os grandes criadores de gado possuíam inúmeros escravos, de forma que estes eram também a base da mão de obra no desenvolvimento da pecuária. Os africanos escravizados trabalhavam ainda em inúmeros serviços nas vilas e nas cidades. Eram usados como carregadores, estivadores, jornaleiros, serventes, encarregados de limpeza das casas, lavadores de vidros e de casas, vendedores ambulantes, carpinteiros, pintores e pedreiros.

Em muitas regiões, a mão de obra escrava era especialmente importante, como em Paranaguá, Antonina, Guaratuba, Castro, Curitiba, Lapa e São José dos Pinhais. Muitas fazendas dos Campos Gerais usaram mão de obra escrava (SOUZA, 2007).

Frente ao exposto, os fatos citados levam a conclusão que havia uma grande participação do elemento escravo na sociedade paranaense, obviamente não da mesma forma que no Nordeste açucareiro ou nas Minas Gerais (WACHOWICZ, 1988).

Embora o trabalho destes autores seja importante, ele não abarca, porém, a diversidade das relações entre escravos e sociedade escravocrata e nem as diferentes formas pelas quais os grupos negros apropriaram-se da terra. É fato que um dos elementos étnicos que fizeram parte do povoamento do Brasil foi o africano.

Em maior ou menor proporção, nas várias regiões do país. Não obstante a importância da contribuição africana como mão de obra que ocasionou o crescimento nacional, uma das suas contribuições mais importantes tenha sido a luta contra a escravidão.

Os grupos que hoje são considerados remanescentes de comunidades de quilombos se constituíram a partir de uma grande diversidade de processos, que incluem as fugas com ocupação de terras livres e geralmente isoladas, mas também as heranças, doações, recebimento de terras como pagamento de serviços prestados ao Estado, a simples permanência nas terras que ocupavam e cultivavam no interior das grandes propriedades, bem como a compra de terras, tanto durante a vigência do sistema escravocrata quanto após a sua extinção (SCHMITT; TURATTI; CARVALHO, 2002).

### 2.1.1 Quilombos e a presença negra no Paraná

Um dos termos de suma importância na cultura negra é o “Quilombo”<sup>1</sup>. Para Souza (2014) é o mais forte exemplo de grupos sociais que criaram resistência para defender sua identidade cultural.

“Mocambos”, “Quilombos”, “comunidades negras rurais” e “terras de preto”, em verdade, referem-se a um mesmo patrimônio cultural inestimável e em grande parte desconhecido pelo próprio Estado, pelas autoridades e órgãos fundiários. As autodenominações dos camponeses dizem respeito a uma herança histórica, que se renova há várias gerações de negros trazidos para o Brasil na condição de escravos. E para muitos desses grupos a sociedade envolvente ainda é tida como um ambiente hostil. Os quilombos de hoje correspondem às chamadas terras de preto, ou Comunidades Negras Rurais, que se originaram de fazendas falidas, das doações de terras para ex-escravos, das compras de terras pelos escravos alforriados, da prestação de serviços de escravos em guerras (Balaiada, Paraguai) e das terras de Ordens Religiosas deixadas a ex-escravos no início da segunda metade do século XVIII (SOUZA, 2014, p.140).

Os primeiros estudos sobre quilombos realizados no Brasil, nos anos 1930, passavam a ideia de que os negros fugitivos queriam construir “Estados africanos” como forma de resistência a outras culturas, desta forma a cultura negra seria vista como uma rebeldia contra a cultura europeia. Entretanto, o verdadeiro significado é

---

<sup>1</sup> De acordo com Souza (2014) Quilombo deriva de Kilombo, da língua Mbundo do tronco linguístico Banto e significa jovens guerreiros, e do Quimbundo, acampamento, arraial, povoação, união.

a reafirmação de sua cultura, estilo de vida e resistência à opressão, massacres e completa exclusão. Segundo Paraná (2018) em 1960, surgiu a corrente materialista de pesquisadores, que revelaram as manifestações negras de resistência ao sistema escravista. Contra isso, os negros eram considerados rebeldes e violentos pela sociedade, gerando conflitos de terra em todo o país. O estado do Paraná foi o mais violento em questões de terra nos anos 1970 a 1990 contando com o maior número de conflitos agrários. A origem do problema agrário do atual território nacional situa-se na implantação do regime de escravidão como elemento constitutivo do antigo sistema colonial (PARANÁ, 2018).

No Estado do Paraná encontram-se mais de cem comunidades quilombolas, distribuídas em sua maioria em áreas rurais (SANTOS *et al*, 2012). Entre elas está a Colônia Sutil, comunidade quilombola formada em 1790 e regulamentada pela Fundação Cultural Palmares. Localizada em Ponta Grossa, com 31 famílias residentes descendentes de escravos atualmente perdeu muito de suas raízes culturais. Ao passar dos anos, as cantigas afros e as danças típicas deixaram de fazer parte do dia-a-dia dos moradores, ficando apenas na lembrança. Moradores lamentam, em entrevista para a Gazeta do povo (ANTONELLI, 2011), a perda da cultura vivida pela comunidade. Apesar disso, o sofrimento e o preconceito ainda permanecem. Entretanto, a cultura pode ser considerada um mecanismo de adaptação, por estar baseada na capacidade de mudança ou de evolução do ser humano. Em termos evolutivos, a sobrevivência das sociedades humanas sempre esteve diretamente relacionada à cultura. O ser humano perpetuou-se como espécie quando se tornou capaz de superar as dificuldades impostas pela natureza, ao modificar as condições que lhe impõe; ou seja, fez cultura (DIAS, 2006).

### 2.1.2 Fazenda Capão Alto

De acordo com o site do Governo do Estado do Paraná (1983), a fazenda Capão Alto localizada nos Campos Gerais, possui destaque em sua história. Pois, difere de muitos outros empreendimentos da região daquele período. Em 1751, a fazenda foi adquirida pela ordem das carmelitas, as terras da fazenda abrangiam cem léguas quadradas. Nela foi construída uma igreja as margens de sua propriedade perto do rio Iapó, com isso deram origem a várias povoações que se tornaram vilas e mais tarde receberam o nome de Castro. Após a retirada das

carmelitas que foram para as regiões de São Paulo e Rio de Janeiro, a fazenda passou a ser supervisionada por um administrador que após um período foi arrendada aos negros escravizados que nela moravam e trabalhavam. Constituindo uma comunidade independente. A ausência das carmelitas possibilitou aos escravos a possibilidade para que se organizassem da forma que melhor lhes cabia, formando famílias e estabelecendo normas de convivência. Supõe-se que por esses motivos eles não saíram das terras, após a partida de seus donos, outro fator possível foi às uniões duradouras estabelecidas e a multiplicação de suas gerações. Os escravos se casaram e mantiveram famílias. A consolidação de famílias pode ter contribuído tanto para atenuar as diferenças como para proporcionar inserção na comunidade.

Na Fazenda Capão Alto, os trabalhos eram executados pelos próprios escravos, previamente instruídos e disciplinados pelas carmelitas. Eram administrados por um cativo escolhido. Ser o escolhido concedia certa posição de destaque na hierarquia social interna. Provavelmente, para o escolhido cativo, manter essa posição não tenha sido uma tarefa das mais simples (GOMES, 2018).

Este quilombo se manteve ordeiro e pacífico por muito tempo, os negros trabalhavam a terra e criavam o gado, com isso vendiam a Castro e obtinham apenas o que era necessário para viver e o restante era guardado para a santa ao qual eram devotos, desta forma eles possuíam uma grande reputação de honestidade na região (PARANÁ, 1983).

Em 1864, os 300 negros escravizados do Capão Alto foram vendidos à firma, Ribeiro & Gavião, de São Paulo, o que motivou uma rebelião pelo fato de se considerarem livres. Apesar de toda a reação, os escravos acabaram sendo levados para São Paulo (GOMES, 2018). Entretanto, Kubaski (2012) afirma que devido à rebelião muitos negros escravizados fugiram e se agruparam formando o quilombo Serra do Apon, os atuais residentes da comunidade revelam que o que sobrou dos pioneiros da Serra do Apon é apenas a lembrança, essa que está ficando cada vez mais escondida.

Segundo Paraná (1983), Capão Alto é, sem dúvida, um dos marcos históricos mais importantes do processo de ocupação dos Campos Gerais do Paraná. Em 1983, a Coordenação do Patrimônio Cultural da Secretaria da Cultura e Esporte do Paraná, preocupada com a situação de abandono em que se encontrava a fazenda, estabeleceu contato com a Cooperativa Castrolândia a fim de encontrar um caminho para a restauração e reciclagem de uso da fazenda. Em 1984, a

arquiteta Rosina Coeli Alice Parchen elaborou um projeto de restauração e reciclagem do conjunto para instalação de um hotel-fazenda com capacidade para 40 hóspedes.

## 2.2 CURITIBA E SUA AFRICANIDADE

Durante o período de 1980 a 1990 a capital paranaense possuía muitos espaços caracterizados por encontros de músicas afro-brasileiros. Tudo isso fruto de alguns acontecimentos históricos que ocorreram na cidade de Curitiba e no Brasil que ajudaram a sintetizar várias manifestações e reivindicações de espaços e direitos a população afrodescendente como, por exemplo, a edificação da “Sociedade Treze de Maio” - sendo talvez a primeira e mais importante instituição histórica dos negros curitibanos.

Souza (2007) discorre que no séc. XIX existia, em Curitiba, um grupo de negros recém-libertos que se preocupava com o destino dos irmãos que em breve estariam livres. A fundação da Sociedade surgiu com o objetivo de agregar ex-escravos e ajudá-los. Nos primórdios, a Sociedade era composta por um grupo de seis homens que se reuniram pela primeira vez no dia 03 de maio de 1888. Desta reunião surgiu a atual Sociedade, que em 1930 contava com 102 associados. No dia 17 de junho de 1888, foi realizada a eleição da primeira Diretoria da Sociedade. A instituição deveria ser restrita aos negros e descendentes, porém, desde sua fundação demonstrava ser uma comunidade inter-racial e interclassista, pois foi sede de movimentos trabalhistas e pesquisas preliminares na Sociedade Operária. O objetivo desta união de indivíduos não almejava somente a liberdade, mas a criação de uma consciência da possibilidade de transformar cada pessoa em cidadão. A sede principal foi inaugurada três meses antes da abolição da escravatura.

Após a abolição da escravatura, os negros recém-libertos se dirigiram para o clube, sendo o único lugar que poderia dar-lhes assistência, desta forma foi o primeiro centro de emprego, oferecendo assistência funerária, emprego e saúde, antes e depois da abolição da escravatura. Na pesquisa de campo surgiu a informação de que a Treze pode ter sido o primeiro liceu de ofícios (Vide Anexo A) do Paraná, e que até hoje não é reconhecido. No liceu eram fabricados sapatos, pois se tinha o pensamento que negro descalço era um negro escravo e negro com

sapato era um negro alforriado. O intuito do clube sempre foi fornecer amparo para o negro que necessitava de qualquer tipo de ajuda, dessa forma, a fim de arrecadar fundos, eram realizados bailes e saraus na sede.

Além de alguns personagens negros acobertados pela história que participaram deste contexto, pode se citar Enedina Marques<sup>2</sup>, os irmãos Rebouças, responsáveis pelas construções da estrada de ferro “Curitiba – Paranaguá” e outras diversas em Curitiba. A produção e o envolvimento direto de indivíduos negros na criação da Fundação Palmares, a organização da Comemoração dos 300 anos da morte de Zumbi; eleição do primeiro prefeito negro da história do Brasil, no estado de São Paulo e a comemoração do Centenário da Abolição. Conseqüentemente, todos os fatos citados acima demonstraram novos horizontes para esta parcela da população historicamente inviabilizada (SOUZA, 2007).

Os negros curitibanos sempre participaram ativamente dos fatos históricos da cidade, que possuía uma boa interação entre negros e brancos. Apesar de quase sempre o negro possuir um papel de destaque nas noites curitibanas era mais comum ao branco o papel de empreendedor, desta forma Souza (2007, p. 137) relata que “[...] tanto naquela época como agora, os negros organizam e fazem as festas; os brancos frequentam, empresariam e lucram”. A maioria dos espaços de música e encontros deste período não existe mais, porém compunham-se como territórios de lazer eleitos pelos negros curitibanos para encontrar seus semelhantes, mesmo que em alguns lugares fossem minorias as músicas mais tocadas eram ao som de percussão e tambores, o que se atribuía a um caráter afro brasileiro.

Lugares que possuem algum tipo de memória e que marcam a identidade de uma cultura tem o papel importante na sociedade de preservar e repassar as informações de forma planejada ao selecionar os itens mais importantes para que haja a passagem desse conhecimento para as próximas gerações. Cabe aos espaços mais marcantes na história daquele povo despertar sentimento de identidade cultural e curiosidade aos visitantes, pois a partir da formação de opinião dos turistas é possível descobrir se a importância daquele patrimônio para o local é relevante ou não (TOFOLLO; CARDOZO, 2013).

---

<sup>2</sup> Talvez a primeira mulher negra a se formar em Engenharia Civil pela UFPR nos anos de 1950 (SOUZA, 2007).

Souza (2007) afirma que é notória a forma com que os espaços de permanência que representam a composição étnica da cidade são vistos “[...] é possível reconhecer os poloneses no “bosque do papa”; os italianos, nos portais de Santa Felicidade; os alemães, no “bosque alemão”; os ucranianos, no “memorial da Ucrânia”; os japoneses, na “Praça do Japão”, etc.” (SOUZA, 2007, p. 132).

Contudo, a carência de portais, totens e literatura que crie uma alusão à cultura e à presença do negro em Curitiba não foi suficiente para sobrepujar de uma forma absoluta a presença do negro na cidade. Souza (2007, p. 132), ainda afirma que “a apropriação do espaço urbano, que aproxima pessoas e desfaz convicções consideradas permanentes, contribui significativamente para a mudança nos elementos culturais aqui desenvolvidos”.

O processo de apagar “lugares de memória” das matrizes afro foi bem efetivo. De forma que a colonização cultural opera, em diferentes níveis, em todos nós, manifestando-se em hipervalorização de tradições europeias e desvalorização de aspectos da cultura de matriz africana. Talvez por isso a formação escolar que temos seja uma tarefa difícil, tanto na área educacional quanto cultural. As informações mais simples sobre nossos antepassados foram sistematicamente negadas ou substituídas por informações estereotipadas. Hoje pode se dizer que estamos em um movimento de descoberta da riqueza, pluralidade, dos valores, do desenvolvimento tecnológico, do alto desenvolvimento social, de um sem-fim de aspectos civilizatórios de nossos antepassados africanos e africanos da diáspora. (SILVA; COSTA; MINDAL, 2007).

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua publicada em divulgada em 2017 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) aponta que o Paraná possui 11,2 milhões de habitantes compondo-se por 7,59 milhões de brancos (67, 6%) e somando as pessoas negras e pardas um total de 375.123 mil (31,1%). A pesquisa considera que 0,3% do total de habitantes do Paraná não responderam. Na cidade de Curitiba o percentual de pessoas que se denominam brancas é maior em relação às outras cidades do Paraná, sendo um total de 74,9% da população contra pessoas autodeclaradas pardas e negras com 24% do total.

Embora se acredite que este número é bem maior, o autoconhecimento é um objetivo a ser alcançado pelo movimento negro nacional, promovendo a conscientização visto que:

[...] A educação recebida por crianças que têm oportunidade de estudar representa outro aspecto da desigualdade racial anticonstitucional na esfera da educação [...] a civilização e história dos povos africanos, dos quais descendem as crianças negras, estão ausentes do currículo escolar. A criança negra aprende apenas que seus avós foram escravos; as realizações tecnológicas e culturais africanas, sobretudo nos períodos anteriores à invasão e colonização europeia da África, são omitidas. Também se omite qualquer referência à história da heroica luta dos afro-brasileiros contra a escravidão e o racismo, tanto nos quilombos como através de outros meios de resistência. Comumente, o negro é tratado de forma pejorativa nos textos escolares, o que resulta na criança negra em efeitos psicológicos negativos amplamente documentados. O mesmo quadro tende a encorajar, na criança branca, um sentimento de superioridade em relação ao negro. (NASCIMENTO, 1983, p.13).

Visto estes argumentos, a conscientização em busca do autoconhecimento torna-se difícil, porém necessária. Nos últimos anos com a implantação do sistema de cotas nas universidades, pode se notar que o maior número de trabalhos acadêmicos que visam desconstruir o brancocentrismo nos estudos, pesquisas e análise produzidos na e para academias e sociedades brasileiras se intensificando na área de cunho racial. Desta forma, investigar e demonstrar o que por muito tempo foi tido como não existente é uma alternativa não crível ao que existe em transformar objetos impossíveis em possíveis e com base neles transformar as ausências em presenças.

King (1996) reitera que para que possamos compreender esse processo no sistema educacional, vivemos um movimento de alfabetismo da diáspora, no sentido de conhecimento e ressignificação da história do povo negro. Esse movimento consiste na aprendizagem na leitura de signos culturais das heranças africanas, para além das distorções, da parcialidade e das ausências determinadas pela hegemonia cultural e por séculos de dominação.

### 2.3 CULTURA, ETNIA E ETNICIDADE

Para Silva, Costa e Mindal (2007), a proposta de estudar as contribuições afro se relaciona de forma íntima com a identidade do negro brasileiro. Sob o olhar de que ideias que restringem e manipulam a história e as tradições africanas e afro-brasileiras, escrupulosamente difundidas pela escola, pelos currículos e pelos livros didáticos (tanto pelas omissões quanto pelas equivocções) atuam para criar nos alunos uma predisposição de hierarquia racial. Em um estado que nega a presença africana, na sua origem e na atualidade, o contexto local sempre é trabalhado a



partir de conteúdos específicos sobre a História do Negro no Paraná. Possibilitar a todas as pessoas, independente de sua etnia, o conhecimento de história e cultura afro-brasileira teria o objetivo de reconhecer os elementos civilizatórios das culturas africanas e da diáspora. Possibilitaria aos alunos em geral o reconhecimento do processo civilizatório dos povos africanos e, aos alunos negros, em particular, a construção de identidade pautada em aspectos de positividade sobre seu grupo de pertença e sobre si mesmo.

A negritude é uma subjetividade. Uma vivência. Um elemento passional que se acha inserido nas categorias clássicas da sociedade brasileira e que enriquece de substância humana. Humana, demasiadamente humana, é a cultura brasileira, por isso que, sem desintegrar-se, absorve as idiosincrasias espirituais, as mais variadas. A negritude, com seu sortilégio, sempre esteve presente nesta cultura, exuberante, de entusiasmo, ingenuidade, paixão, sensualidade, mistério, embora só hoje por efeito de uma pressão universal esteja emergindo para a lúcida consciência de sua fisionomia. É um título de glória e de orgulho para o Brasil o de ter-se constituído no berço da negritude (RAMOS, 2013, p. 117).

Vivemos em uma nação em que a maioria da população é composta de pessoas negras. Entre os demais, a maior parte são brancos miscigenados. Discutir as relações étnico-raciais que construíram esse país, logo, deveria ser uma obrigação de todos os cidadãos, não importando sua origem ou etnia. São esforços que não apenas se somam na luta contra o racismo, como também na consolidação da democracia, da promoção da cidadania e no reforço à igualdade social e racial. Dado que a escola é um local privilegiado para a transmissão de conhecimentos que vieram desde as gerações anteriores, ela também se torna um dos focos do movimento negro (SENKEVICS, 2014).

Frente às reflexões citadas acima nos alinhamos às palavras de Santos (2017) de que:

[...] é um ponto de vista marcado e limitado pela minha experiência no mundo, [...] minha cor/raça, minha origem social e mobilidade de classe, meu espectro ideológico, minha formação e “ambições” acadêmicas, entre outros condicionantes. Enfim, minha leitura dos movimentos sociais negros no que diz respeito à educação popular está e estará fortemente condicionada pela minha experiência e visão de mundo. Conjecturo que não sou o único autor nessa condição (humana), qual seja, repleta de condicionantes; mas gostaria de expressá-los até mesmo para tentar controlar a invasão ilegítima (para a ciência) desses condicionantes e/ou dos meus valores em minha análise dos fatos e dados.

Assecon (2014) afirma que a presença do negro no ensino superior brasileiro vem aumentando nos últimos anos. Entre as razões, estão políticas públicas como o sistema de cotas sociais nas instituições federais e ações como o Programa Universidade Para Todos (Prouni) e o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies), além de questões econômicas, como a ascensão de classes sociais mais baixas no país. Porém, segundo as estatísticas o número de pessoas brancas matriculadas em graduação presencial e a distância é 11,8 vezes maior do que de negros. Com isso o número de pesquisas relacionadas à temática racial tem aumentado e a maior visibilidade na mídia. Em entrevista o professor e membro do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da Universidade de Brasília (UNB), Nelson Inocêncio, que está engajado nas causas raciais desde 1978 e estuda o tema desde os anos 1980, conta que os estudos sobre relações raciais existem na academia desde os anos 1950, mas que no Brasil, sempre houve uma tendência a menosprezar o racismo e tratá-lo como tema secundário.

Na entrevista, Inocêncio afirma que antigamente, quem pesquisava o assunto tinha perfil de ativista. Hoje, não necessariamente é assim. É importante que brancos também leiam e participem da discussão, porque o racismo não é um problema do negro, mas da sociedade brasileira. O professor destaca ser legítimo que o negro se organize também, mas observa que o interesse do estudante depende muito mais do seu nível de compreensão da causa e politização do que da raça a que pertence.

A assistente social e doutoranda em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Luciane Bello, percebe um aumento no interesse por temas raciais independentemente da raça do pesquisador. A pesquisadora vê que, em alguns casos, o próprio negro tem dificuldades para se ver como negro. Luciane acredita que a troca de experiências entre alunos de raças diferentes é muito rica para pesquisas de temas raciais, mas que a questão deve ser debatida na sociedade como um todo.

Para o coordenador do Grupo de Pesquisa de Trabalho, Educação e Relações Étnico- Raciais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped), Erisvaldo Pereira dos Santos, afirma que o maior número de pesquisas científicas de tema racial não está vinculado diretamente com a entrada dos negros na universidade em um primeiro momento, mas sim com a ação do Estado e agências de fomento, que oferecem condições para que pesquisas nesse

campo cresçam. Ele afirma que a inserção de alunos negros no ensino superior significa uma mudança de mentalidade da sociedade brasileira e que é preciso problematizar o que significa a presença de cada uma dessas raças na sociedade, em termos de participação nos benefícios econômicos.

Para Sansone (2002) durante a vinda dos africanos para o Brasil a cultura africana vem sendo recriada e desconstruída. O autor apresenta um conceito de cultura afirmando que o próprio termo “cultura negra” possui seu cunho étnico racial muito parecido com o termo “raça” ao qual deve ser utilizado como forma de categoria nativa muito mais do que uma forma de análise.

Pinhel (2013) expõe que a cultura é a costura social, pois une a diversidade humana em torno de elementos gerais, ou seja, perceptíveis a todos aqueles que integram suas fronteiras.

A cultura negra não é algo que está restrita ou presa em algum lugar, pois se trata de uma junção de teorias filosóficas distintas fruto de relações sociais e neste caso específico grupos racialmente definidos como “brancos” e “negros”. Partindo deste pressuposto, isto significa que nem todas as pessoas com fenótipos de traços ditos negróides<sup>3</sup> se reconhecem ou participam da cultura negra o tempo todo. Isto indica também que “qualquer tentativa de definir de forma estreita o que é uma cultura negra, estabelecendo uma pretensa essência universal, funciona como um cobertor curto — deixa insatisfeitos uns e outros”. (SANSONE, 2002, p. 251).

Orwell (2000) salienta que falar de inclusão social é saber que esta exige condições materiais, políticas e culturais para que possa ser realizada. Assim, a condição material faz uma alusão ao modelo de sociedade que alcançou tal etapa de acúmulo tecnológico e saber científico, na medida em que as condições políticas e culturais estão encaixadas na consciência sobre direitos e obrigações individuais e uma cultura baseada na ideia de liberdade. Refletindo os atos que possuem consequências sociais, ter consciência dos seus resultados, em termos positivos e negativos sobre a sociedade mais ampla.

Ainda assim, o fato de os negros não demonstrarem uma identidade cultural dentro do que a antropologia defende, não retira a importância de sua união através do fator cor (SOUZA, 2007). Munanga (2005) salienta que as identidades objetivas

---

<sup>3</sup> Pessoa que tem características físicas semelhantes às dos povos de pele negra.

expostas por meio das características culturais e linguísticas analisadas pelo cientista social por diversas vezes é confundida com a identidade subjetiva, a qual é a maneira que o próprio grupo se define pelos grupos vizinhos. Por consequência, não há como afirmar que existe uma identidade cultural entre negros e brasileiros que fazem parte do candomblé e negros que moram em uma favela ou ainda negros de classe média nos centros urbanos.

Culturas negras existem em diferentes contextos: elas diferem em sociedades que são predominantemente brancas e em sociedades nas quais a maioria de sua população é definida como não branca, mas uma norma somática que prevalece é a que coloca os indivíduos, com traços definidos como africanos ou negróides, na base da hierarquia social, ou próxima a esta base (SANSONE, 2004 p. 65).

Sansone (2004) afirma ainda que se devem considerar três fatores essenciais na construção de uma identidade étnica: fator histórico, linguístico e fator psicológico. Mas sem a existência desses pressupostos conceituais não descaracteriza a identidade como uma ideologia, que funciona na medida em que permite que as pessoas se definirem em contraposição a outras e reforçar a solidariedade existente entre elas.

## 2.4 CONCEITO DE TURISMO/TURISTA

Funari e Pinsky (2001) comentam que o hábito de viajar é antigo. No século XVII, as famílias com maior poder aquisitivo mandavam seus filhos completarem a educação com viagens nas quais aprendiam línguas e costumes de outros povos, compravam obras de arte e visitavam os monumentos da Antiguidade, como o Fórum, em Roma. Bernardo (2013) afirma que as primeiras definições de turista datam oficialmente de 1937 no âmbito da Sociedade das Nações (SDN), onde turista se aplicava a todas as pessoas que viajavam para um país diferente daquele de sua residência durante pelo menos vinte e quatro horas.

Próximo à metade do século XIX, as viagens começaram a serem organizadas de uma maneira mais especializada, caminhando para uma forma de negócio denominado turismo, gerador de lucros, empregos e divisas para muitos países. Frente a isso pode se afirmar que a “atividade turística é produto da sociedade capitalista industrial e se desenvolveu sob o impulso de motivações

diversas, que incluem o consumo de bens culturais” (FUNARI E PINSKY 2001, p. 15).

De acordo com Dias (2006) a atividade turística tem natureza fundamentalmente cultural, pois se trata de um processo de interações contínuas entre comunidades diferentes que ocupam espaços distintos socialmente construídos, e que, por apresentar essa diversidade, tornam-se atraentes para o conhecimento do outro. O turista seria, nestes termos, aquele que viaja para conhecer novos locais, para descansar, para espairar em um ambiente diferente daquele onde tem sua moradia.

As definições de turismo são as mais diversas e parecem encaixar a outros tantos propósitos específicos. Mesmo entre os acadêmicos, o turismo é abordado assumindo definições que apenas potenciam as perspectivas individuais dos mesmos (LICKORISH; JENKINS, 1997). Leiper (1990, p. 11) infere de forma simplificada que o turismo é apenas um “(...) conjunto de ideias, de teorias e ideologias, de ser turista, sendo o comportamento de pessoas dentro das regras do turismo (...)”.

Com isto pode-se dizer que o turismo e o turista devem ser compreendidos para além de uma visão puramente técnico-institucional e claramente influenciados pela economia. Ela deve considerar uma visão heurística, capaz de satisfazer os investigadores que procuram escapar à visão técnica e procurar uma abordagem científica e acadêmica que explique não apenas para onde vai e o que consome, mas sim, por exemplo, porque vai e porque consome. Hoje se fala muito em turismo de experiência, o turista não quer apenas contemplar, mas interagir, viver e sentir. Isso bem trabalhado pode levar a uma empatia, trazendo benefícios sociais, criando ou estabelecendo uma cultura mais humanizada. O turismo deve ser visto além de uma perspectiva de construção social generalizada levando em consideração as relações. O turismo, então, pode ser definido como uma soma dos fenômenos e relações resultantes da interação nas regiões emissoras e receptoras, dos turistas, fornecedores de negócios, governos, comunidades e ambientes.

#### 2.4.1 Turismo Cultural

O turismo cultural da forma que temos atualmente trata-se da existência e preservação de um patrimônio cultural, que além de seu valor cultural específico, são indispensáveis da forma que o consumo constitui a base de sustentação da própria atividade (FUNARI; PINSKY 2001). Dias (2006, p.17) reitera que “a cultura deve ser entendida como tudo aquilo que foi criado pela humanidade ao longo de sua existência. Tanto no ponto de vista material quanto imaterial”.

Dentre as várias definições de cultura pode se considerar alguns pontos em comum como: a compreensão de aspectos não materiais (intangíveis, músicas, crenças, lendas, histórias, danças e folclore) e materiais (tangíveis, ferramentas, vestimentas, prédios, entre outros). Pode ser considerado um meio de adaptação, por estar baseada na capacidade de mudança ou de evolução do ser humano.

É um produto histórico, sujeito a interações, complementações e contradições, desta forma está sempre mudando. Interfere na forma como as pessoas veem o mundo e como percebem as coisas. Sempre dinamiza e condiciona as inter-relações que as diferentes sociedades estabelecem entre passado, presente e futura. Constitui um elemento fundamental de identificação, seja de grupos, seja de indivíduos. É transmitida pela herança social. “O indivíduo aprende cultura por meio do grupo social, não por herança biológica” (DIAS, 2006, p. 19).

Assim percebem-se alguns elementos básicos: crenças, valores, normas, sanções, símbolos, idioma e tecnologia. (DIAS, 2006). A palavra patrimônio possui vários sentidos, assim como outros termos no turismo, originalmente está relacionada à herança familiar. A forma de pensar na herança cultural como um lugar de memória está ligada à prática de preservação de patrimônio (FUNARI; PINSKY 2001).

Para Dias (2006) a intensificação do processo de globalização, o interesse das pessoas pelo seu passado histórico, em outras culturas, nas origens da humanidade ou nas formas de vida na Terra há milhões de anos só aumenta. Com tal característica o turismo cultural assume um papel educativo com um aspecto duplo: pode apresentar-se como um caminho para a obtenção de fundos necessários à preservação da herança cultural e como uma ferramenta para proporcionar o desenvolvimento econômico local, regional e até mesmo nacional.

Além deste benefício citado acima o maior conhecimento das culturas locais pelos visitantes muitas vezes renova o orgulho da população autóctone e fortalece

sua identidade e com essa troca cultural entre os diferentes povos, aumenta a tolerância e a compreensão entre eles.

#### 2.4.2 A importância do Turismo Cultural e da Identidade

De qualquer forma o turismo provoca deslocamento geográfico que levam ao contato em culturas diferentes. Desta maneira, a globalização age de modo diverso, instigando a necessidade de redescobrir e fortalecer a identidade cultural sendo uma forma de autoafirmação do grupo envolvido, pois permite as pessoas pensarem além dos aspectos imediatos, tendo maior acesso à informação, com isso a busca por respostas se satisfazem por meio do contato direto com o assunto pesquisado (DIAS, 2006).

O turismo Cultural é um segmento muito importante dentro do turismo, pois aumenta a consciência do visitante e sua apreciação da cultura em todos os aspectos. Por conseguinte, o turismo cultural pode ser definido como “uma busca pela participação em experiências culturais novas e profundas, sejam elas estéticas, intelectuais, emocionais ou psicológicas” (DIAS, 2006, p. 39).

O patrimônio Cultural simboliza a identidade cultural de uma comunidade, sendo uma expressão mais explícita, pois ao se identificarem com aquele, os membros do grupo social se filiam a um mesmo agrupamento, compartilham significados e símbolos. Sendo esta uma das principais características do patrimônio cultural, facilitar a construção da identidade cultural no processo de socialização. Esta definição de uma identidade cultural sempre é a busca de afirmação de uma diferença e de uma semelhança. Ao buscar a definição de uma identidade cultural busca-se em primeiro momento traços em comum. Entretanto ao classificar um grupo considerando suas semelhanças implica em diferenciá-los de outros, portanto a construção de uma identidade é aparentemente contraditória, pois leva o estabelecimento de diferenças em relação aos membros de outras comunidades. Como pondera Ferreira (2000 p.16):

[...] Esta ação de resgatar a própria identidade é fundamental para encontrar-se a si mesmo e recuperar um equilíbrio que pode estar ameaçado. Este resgate, entretanto, é um ato conflitivo, porque significa incorporar novos valores aqueles tradicionais.

O grupo social constituído pela comunidade receptora pode fortalecer-se na presença do outro, particularmente se existirem símbolos sociais bastante conhecidos que servem como elemento aglutinador e com o qual as pessoas se identificam. Ao estudar mais profundamente os conceitos de patrimônio cultural, observa-se que predominou uma arbitrariedade cultural que marginalizou os bens culturais das camadas mais populares ou de grupos sociais minoritários, sendo esta então uma forma de violência e discriminação subjugando algumas comunidades culturais significativas ao longo da história brasileira.

## 2.5 LINHA PRETA

De acordo com o site da Fundação Cultura de Curitiba (2016), o roteiro **Linha Preta** é uma opção para quem deseja saber mais sobre a presença negra e toda sua participação na formação e composição de Curitiba. Sendo assim, a **Linha Preta** é tida como o objeto de estudo da presente pesquisa.

O projeto foi concebido durante o II Congresso de Pesquisadores/as Negros/as da Região Sul- COPENE SUL, organizado pelo NEAB – Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal do Paraná. Este roteiro foi criado a partir de outro percurso realizado pela Professora Joseli Maria Nunes Mendonça<sup>4</sup> com seus alunos da Universidade Federal do Paraná, no qual os conteúdos e a metodologia são diferentes, porém convergem em seus objetivos. O roteiro criado pela Professora Joseli, segundo ela, seu roteiro necessita de certa sensibilidade e preparação acadêmica para realizá-lo, sendo então impossível disponibilizar o mesmo para terceiros sem uma preparação prévia por alguém que domine o assunto. Desta forma ela sempre apoiou toda a legitimidade do roteiro **Linha Preta**, pois este é muito mais viável e se encontra em uma forma mais acessível ao público. O trajeto que passa por 13 pontos localizados no centro de Curitiba, atualmente se encontra em uma situação de aperfeiçoamento.

---

<sup>4</sup> Doutora (2004) em História pela Universidade Estadual de Campinas, na qual também se graduou (1988) e concluiu mestrado (1995). É professora na Universidade Federal do Paraná. Tem experiência na área de História, com ênfase na História do Brasil do século XIX e da Primeira República, especialmente na História Social do Trabalho e nas relações entre História, Direito e Justiça. Atualmente, pesquisa sobre relações de trabalho no século XIX. Desenvolve os seguintes Projetos de Pesquisa: Sob contrato: trabalhadores livres em tempos de escravidão; Emancipação e Pós-Emancipação no Oeste Paulista; Escravos e Senhores na Justiça: Piracicaba, 1870-1888.



### 2.5.1 PONTOS, segundo Curitiba (2016)

#### a) Ruínas de São Francisco

As Ruínas de São Francisco são, na verdade, uma construção inacabada. Há relatos de que se trata da construção de uma igreja em homenagem a São Francisco de Paula iniciada por um grupo de devotos portugueses no início do século. É inegável a participação de trabalhadores negros na construção desse edifício que exigia mão de obra especializada como a de mestres-pedreiros, por exemplo, que dominavam técnicas variadas de construção, principalmente a alvenaria de pedra. Muitos desses mestres-pedreiros eram negros de ofício, ou seja, oficiais preparados em oficinas especializadas para o exercício de profissões bem conhecidas como pedreiros e ferreiros (CURITIBA, 2016).

#### b) Igreja do Rosário

A Igreja do Rosário, em Curitiba, inicialmente chamada de Igreja do Rosário dos Pretos de São Benedito, foi patrocinada, projetada e construída por pessoas negras, em 1737 organizadas em irmandades. Construída em estilo colonial, era maior e mais imponente que a igreja matriz, bem mais simples, construída em madeira onde os/as negros/as não podiam entrar. Provavelmente foi a segunda igreja construída na capital paranaense, pois entre 1875 e 1893 serviu de igreja matriz enquanto a nova catedral era construída. Em 1931 a antiga igreja foi demolida, dando lugar à igreja atual inaugurada em 1946 já sob a responsabilidade da igreja católica (CURITIBA, 2016).

#### c) Arquitetura do Largo da Ordem

Em relação à arquitetura, a contribuição mais conhecida dos povos africanos no Brasil está associada à introdução de técnicas de construção que usavam o adobe e a taipa de mão presentes tanto nas áreas rurais quanto urbanas. Associada à pedra essa tecnologia possibilitou a construção de prédios públicos de grandes

proporções em várias partes do país, principalmente igrejas católicas, muitas delas no estado de Minas Gerais (CURITIBA, 2016).

d) Memorial de Curitiba

Inaugurado em 1996 o Memorial de Curitiba tem um projeto arquitetônico inspirado no pinheiro paranaense. É um importante centro cultural da cidade e abriga várias obras de artes, dentre elas um imenso painel do artista Sérgio Ferro que mostra alguns elementos constitutivos da cultura brasileira. Infelizmente a população negra é retratada de forma estereotipada, reforçando, por exemplo, discursos que operam para a disseminação de ideias sobre as supostas subalternidade e subserviência desse grupo racial, bem como para a hipersexualização do corpo da mulher negra (CURITIBA, 2016).

e) Bebedouro

A construção do bebedouro data de meados do século XVIII e era bastante utilizado por tropeiros em passagem pela cidade para dar de beber a seus animais. A presença de um número significativo de tropeiros negros é atestada por algumas aquarelas de Jean-Baptiste Debret que os retratou em Curitiba e região. (CURITIBA, 2016)

f) Praça Tiradentes

A Praça Tiradentes passou por um processo de ressignificação nos últimos anos pela comunidade negra de Curitiba, especialmente por pessoas ligadas aos movimentos sociais de negros e por praticantes da Umbanda e do Candomblé. Há na Praça Tiradentes um conjunto de Gameleiras Sagradas. A gameleira é morada de Iroco, um raro orixá de origem lorubá. Iroco também é moradia de espíritos infantis e está associado à longevidade, já que a gameleira vive por mais de 200 anos. Na praça ainda existe outro símbolo importante para a comunidade negra, um caminho feito de pedras que revela a importância da mão de obra negra para o processo de urbanização da capital paranaense. (CURITIBA, 2016) .

g) Arcadas do Pelourinho

O Pelourinho da Vila Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, Localizado na Praça José Borges de Macedo, ao lado do Paço da Liberdade, foi levantado em 04 de novembro de 1668. O pelourinho marcava a fundação de uma vila e também um espaço onde pessoas escravizadas, que por razões diversas, como desafiar o regime escravista, por exemplo, eram castigadas. Embora o pelourinho traga consigo lembranças de um período marcado por muita violência que incidia sobre a população negra, ele também representa as inúmeras formas de resistência desenvolvidas por negras e negros para fazer frente ao regime escravista. (CURITIBA, 2016).

h) Água pro Morro

Água pro Morro (1944) é uma criação do artista curitibano Erbo Stenzel e foi apresentada como trabalho final de curso de escultura na Academia Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro. A obra, originalmente em gesso, retrata Anita, namorada e modelo do artista à época. A escultura mostra uma bela jovem negra com uma lata d'água sobre a cabeça, sugerindo o movimento de quem caminha em direção a um plano mais elevado. De grande sensualidade, a obra dá a impressão de que o vestido usado pela modelo está molhado, por isso cola ao corpo e desenha os seios, mas não os expõem. A obra coloca em discussão algumas questões, como por exemplo, o reconhecimento da beleza da mulher negra e o seu lugar em nossa sociedade, bem como e as políticas públicas que negavam as pessoas negras o direito à cidadania. Em 1995 a obra foi fundida em bronze pela prefeitura municipal de Curitiba e colocada na Praça Generoso Marques. (CURITIBA, 2016)

i) Praça Zacarias – Chafariz

Essa praça faz uma homenagem ao primeiro presidente da província do Paraná: Zacarias Góes e Vasconcelos (1815 -1877), nomeado em 1853. Foi ele quem criou a infraestrutura necessária para o desenvolvimento da recém fundada província que até então pertencia a província de São Paulo. A praça ainda preserva outro elemento importante que marca a presença negra no Paraná, um antigo

chafariz que faz alusão ao primeiro sistema de água encanada de Curitiba. Esse sistema foi projetado pelo engenheiro Antônio Rebouças em 1871 e possibilita que as pessoas tivessem acesso à água potável e também abastecia os aguateiros profissionais que vendiam água de casa em casa (CURITIBA, 2016).

j) Praça Santos Andrade

Na Praça Santos Andrade há um pequeno monumento em homenagem a “Colônia Afro-Brasileira”. Iniciativa da Câmara dos Vereadores, a modesta homenagem é composta por um bloco de granito e uma placa de bronze. Não respondendo a importância desta comunidade para a cidade de Curitiba. (CURITIBA, 2016)

k) Praça 19 de Dezembro

O conjunto arquitetônico da Praça 19 de Dezembro, assinado pelo escultor Erbo Stenzel, é composto por um painel de duas faces, um espelho d'água, um obelisco e a escultura de um homem nu com 18 metros de altura. No painel de duas faces a ideia do artista foi contar um pouco da história do Paraná e seus ciclos econômicos. Já o Homem Nu representa o Paraná dando um passo em direção ao futuro. Com traços negros bem destacados a escultura apresenta ainda forte semelhança com a arte do antigo Egito, com características que permitem dialogar com a Lei da Frontalidade. A Lei da Frontalidade se caracteriza por ser bastante simétrica, em que uma linha imaginária divide a obra em duas partes iguais, estando a figura em pé, sentada ou de joelhos. Os braços estão sempre colados ao corpo, estendidos ou cruzados sobre o tronco. Mesmo em esculturas que retratam pessoas em pé o movimento é contido, ainda que simula uma caminhada. (CURITIBA, 2016)

l) Sociedade Beneficente Treze de maio

Conscientes de que precisavam se organizar para defender seus direitos e sua identidade, sua cultura e sua memória, a população negra criou associações e clubes sociais em várias regiões do país, ainda no regime escravista. O Clube Beneficente Treze de Maio foi fundado em de julho de 1888 e ficava numa região

conhecida como Boulevard São Francisco, onde vivia um grande número de pessoas negras. O clube ajudava os mais necessitados, comprava material escolar para as pessoas pobres e providenciava enterros dignos a quem não tinha condições. Reinaugurado em 1995 atualmente é conhecido como Sociedade 13 de maio, importante espaço de preservação da memória e de demarcação da presença sempre ativa da população negra em Curitiba. (CURITIBA, 2016).

#### m) Memorial Africano

O maior portal africano do mundo foi inaugurado em Curitiba, em 2010, na Praça Zumbi dos Palmares, Pinheirinho. Recentemente, o local passou a ser ocupado com ações culturais pela juventude negra curitibana e pela comunidade local. Apesar de distante do centro, o local não pode ser ignorado, pois é uma tentativa de valorização da presença negra em Curitiba. (CURITIBA, 2016).

#### n) Viaduto Cultural Capanema

Antes da construção do Viaduto Capanema, nas décadas de 30, 40, 50, o local abrigava os ensaios da primeira escola de samba de Curitiba, a Colorado, à sombra de três imponentes eucaliptos. A importante presença negra na comunidade dos ferroviários e a proximidade da Vila Tassi, fazem do local um importante foco de memória negra da cidade. Por este motivo, o local foi destinado à construção de um Centro de Referência da Cultura Negra em Curitiba, em processo de viabilização e com previsão de inauguração para 2018 (CURITIBA, 2016).

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a elaboração e desenvolvimento de um projeto, uma dissertação ou uma tese é fundamental que o pesquisador busque basear-se em procedimentos metodológicos, entretendo a obtenção de resultados satisfatórios. Isto, pois, através da metodologia torna-se plausível tanto a ponderação e a aquisição de referencial teórico confiável para a elaboração da pesquisa, quanto estímulo de um novo olhar sobre os princípios desta. Os procedimentos metodológicos, além disso, podem ser caracterizados como a explicação meticulosa, detalhada, rigorosa e primorosa de toda ação desenvolvida no método (caminho) do trabalho de pesquisa (POPPER, 1974). Desta forma, serão expostas na sequência tanto as classificações de pesquisa em que esta se enquadra, bem como, as fundamentais características dos procedimentos metodológicos adotados para fins deste estudo.

Nesse tópico será descrito o tipo de pesquisa adotado e, além disso, será apresentado o questionário a ser utilizado como instrumento de coleta de dados.

#### 3.1 TIPO DE PESQUISA

Trata-se de uma pesquisa exploratória de caráter qualitativo que visa proporcionar aproximação com o tema através da pesquisa bibliográfica e de uma abordagem de campo. Este é o primeiro passo de todos os trabalhos científicos, pois possibilita uma grande quantidade de informações sobre o tema, facilitando também o processo de delimitação, objetivo e aprofundamento no assunto (SANTOS, 2004).

Ao que se refere ao tipo de pesquisa Gil (1996, p. 26) menciona que a investigação quando científica está condicionada a um “conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos”, para que os métodos científicos sejam alcançados. A pesquisa em questão irá adotar como premissa o método. Na sequência, definem-se os tipos de pesquisa quanto à natureza, aos objetivos e aos procedimentos técnicos.

##### 3.1.1 Quanto à Natureza

Em relação à natureza, a presente pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa de natureza aplicada, pois esta tem por escopo a geração de

conhecimentos passíveis de aplicação prática, conduzida à solução de problemas específicos.

Segundo Dencker (1998) a pesquisa pode ser dividida em pura e aplicada, sendo que a segunda se diferencia da primeira pelo fato de que objetiva originar conhecimentos para aplicação prática, os quais possam ser conduzidos à solução de problemas específicos, envolvendo, para tanto, verdades e interesses locais. É, de maneira geral, aquela que tem um resultado prático palpável em termos econômicos ou de outra utilidade, que não seja o próprio conhecimento. Por meio da mesma é possível vincular o trabalho científico com as necessidades econômicas e sociais.

Segundo a autora, tal tipologia de pesquisa faz menção ao procedimento investigativo e desenvolvimento de novos conhecimentos (ou a melhor compreensão dos já existentes), imprescindíveis para definir os meios pelos quais se pode expandir e aperfeiçoar produtos, processos ou sistemas, objetivando o contentamento de uma necessidade específica e reconhecida.

Desta maneira, o trabalho realizado resultará na indicação de variadas configurações de operacionalização dos conhecimentos e ideias provenientes da pesquisa, e os 'frutos' da mesma devem convergir para soluções que hipoteticamente possam resolver problemas peculiares e objetivos da temática.

### 3.1.2 Quanto aos objetivos

O estudo em questão será de caráter exploratório e descritivo. Sobre tal categorização de pesquisa, Popper (1974) pondera que a mesma tem como principal desígnio desenvolver, elucidar e ainda transformar conceitos e ideias, com o intuito de estabelecer hipóteses pesquisáveis para estudos futuros. É o tipo de pesquisa que proporciona menor rigidez no planejamento, sendo indispensável que seja feito um levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudo de caso. Reforçando estas características, temos o que coloca Dencker (1998, p.58): “a pesquisa exploratória procura aprimorar ideias ou descobrir intuições”, sendo qualificada por uma maior flexibilidade quanto ao seu planejamento, que, em geral, pode envolver “levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas experientes e análises de exemplos similares”.

### 3.1.3 Quanto aos procedimentos técnicos

A primeira técnica de pesquisa exploratória que será utilizada no estudo é a pesquisa bibliográfica que, para Popper (1974), pode ser definida como uma síntese referente ao tema citado, seguindo uma sequência lógica, apresentando e comentando o que outros autores produziram sobre o tema, salientando as diferenças ou semelhanças que existem entre os conceitos apresentados pelos mesmos. Desta forma, pode-se dizer que tal procedimento metodológico “busca conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado sobre determinado assunto, tema ou problema” (CERVO E BERVIAN, 1983, p. 55). A utilização desta técnica justifica-se para realização de um levantamento prévio do que já foi abordado sobre os assuntos relacionados à temática proposta, seja para adquirir o embasamento teórico necessário, ou, ainda, para explicar os limites e contribuições que poderão ser adquiridas com a pesquisa. Ainda, segundo o que propõe Dencker (1998, p. 152), “a pesquisa bibliográfica permite grau de amplitude maior, economia de tempo e possibilita o levantamento de dados históricos”.

Contudo, alerta que “A principal limitação da pesquisa bibliográfica, [...], é a possibilidade de reprodução dos erros das fontes que foram consultadas.” Mas pode ser minimizada pela pesquisa de campo. Sendo assim, se faz necessário sempre buscar a fonte original para averiguar a veracidade das citações.

Além desta, será utilizada também a pesquisa documental, a qual será realizada a partir de dados secundários a serem coletados e outros documentos, ou seja, elaborada a partir de materiais que não receberam tratamento analítico.

A citada pesquisa difere da anterior (bibliográfica), pelo fato de se basear, como dito, em materiais que ainda não receberam “tratamento analítico” ou, que podem ser reelaborados. Segundo Dencker (1995, p. 153), as fontes para este tipo de pesquisa podem ser: [...] documentos de primeira mão conservados em arquivos de instituições públicas e privadas ou pessoais. Além destes, temos os documentos de segunda mão: relatórios (de pesquisa, de empresas) e dados estatísticos (IBGE).

Posteriormente será realizada uma abordagem de campo utilizando questionários para turistas (demanda potencial) que já participaram do roteiro e atores sociais envolvidos com a **Linha Preta**. Todas de cunho qualitativo. O questionário consiste em uma lista com perguntas organizadas de modo lógico para que se obtenham informações sobre um determinado tema (SCHLÜTER, 2003).



Este fato justifica-se segundo Miguel (2010) por ser uma técnica de interação social, interpenetração informativa, capaz de quebrar isolamentos grupais, individuais e sociais, podendo também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação, desta forma quem entrevista possui interesse nas histórias de outras pessoas, por suas histórias, reflexões, ordenamentos dos fatos e acontecimentos. O propósito da entrevista detalhada não é o simples fato de fornecer respostas a perguntas específicas, nem mesmo o de testar hipóteses ou avaliar algo específico, mas busca tentativas de compreender a experiência de outras pessoas e os significados que elas atribuem para essas experiências adquirindo informações de modo ordenado sobre as variáveis que interferem no estudo sendo feito.

#### 3.1.4 Instrumento de Coleta de Dados

Os instrumentos de coleta de dados a ser utilizado no presente projeto será um roteiro de entrevistas pré-estruturado (vide Anexo A e B), dividido em duas partes, uma direcionada a demanda interessada no roteiro, e outro questionário destinado aos agentes do poder público, agentes sociais e acadêmicos. A partir disso serão coletadas informações básicas para que seja possível conhecer o público ao qual o roteiro se direciona, sua concepção e dificuldade ao longo dos anos de existência. Os dados obtidos serão validados através de emparelhamento, de forma para que sejam confrontados com as informações expostas no referencial teórico.

## 4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Mediante a metodologia apresentada anteriormente e de modo a alcançar os objetivos, apresentados na parte introdutória do projeto, buscou-se uma análise descritiva e interpretativa para que um modelo qualitativo de pesquisa prática fosse justificado. A pesquisa bibliográfica e documental, registrada na segunda seção do presente trabalho, possibilitou o levantamento dos fundamentos teóricos dos conceitos chaves.

Abordou-se, desta forma, um caráter de entrevista informal realizada presencialmente com os gestores do roteiro dispostos a falar sobre o mesmo, desta maneira foi entrevistado duas pessoas, uma do setor público e outra do privado. O roteiro de entrevistas destinado à população em geral foi respondido por seis pessoas, através de roteiro de entrevista semiestruturada previamente definida, a qual permite que a entrevista seja mais espontânea, através de perguntas abertas, as entrevistas foram realizadas de julho a setembro de 2018. Os entrevistados foram sugeridos por membros do NEAB (Núcleo de Estudos Afro brasileiros) e por pessoas que já haviam tido contato anteriormente com a linha, podendo desta forma dar mais informações sobre como encontrar essas pessoas certas para falar sobre o tema. Foram eliminadas partes das entrevistas que não interessavam a pesquisa.

### 4.1 HISTÓRIA DO ROTEIRO

Atualmente, o roteiro está sendo realizado pelo Sr. Adegmar José da Silva que está a frente da Coordenação de Igualdade Racial. Candiero como é conhecido é ativista da causa negra há mais de 30 anos. Produtor cultural e professor autodidata faz parte dos conselhos estadual e municipal de Promoção da Igualdade Racial e é conselheiro nacional de políticas culturais do Ministério da Cultura. É autor de cinco livros, entre eles “Afrocuritibanos”, “Afrolapeanos” e “Oralidades Afroparanaenses – Fragmentos da História Negra no Paraná”. Em entrevista cedida Sr. Adegmar José da Silva, conta como surgiu o roteiro, sendo ele idealizador e presidente do centro cultural HUMAITÁ.

O Centro de Estudo e Pesquisa da Arte e Cultura Afro-brasileira - Centro Cultural Humaitá é uma entidade sem fins lucrativos com o objetivo de valorizar a visibilidade da arte e da cultura afro em Curitiba e no Paraná.

Foi criado como uma resposta ao racismo institucional e velado que promove o apagamento identitário e cultural dos afro-paranaenses, desenvolvendo ações nas áreas de arte, cultura, educação e advocacia visando valorizar e dar visibilidade a esta parcela de 28% de negros paranaenses. Visando apoiar a aplicação da Lei Federal 10.639/03 e realizar diversos eventos de identificação positiva da identidade afro no Paraná, como o Festival Paranaense do Samba - do Samba Rural ao Carnaval; Fórum Paranaense de Capoeira sobre Ética e Responsabilidade Sociocultural; Abolisom - Ecos da Abolição da Escravatura; Mutirão pela Identidade Cultural Paranaense; Seminário de Dança Afro - Desafios e Possibilidades; Lavação das Escadarias da Igreja Nossa Senhora dos Pretos de São Benedito; e outros. O centro cultural surgiu pela necessidade de dar continuidade na história e cultura afro para educadores e formadores de opinião, responsáveis pela efetivação das recentes conquistas legais para promoção da Igualdade Racial.

Com base no fortalecimento e efetivação da Lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio, o grupo começou a buscar a profissionalização das atividades ligadas ao projeto.

Além de promover ações e eventos, o participa de palestras voltadas à integração da igualdade racial, e politicamente falando, participa em três conselhos: Conselho Municipal de Políticas Étnico-raciais de Curitiba, Conselho Estadual de Promoção da Igualdade Racial do Paraná e Conselho Municipal de Políticas para a Infância e a Adolescência de Curitiba. Nesse último local, tem voz ativa para ajudar com ideias de projetos e ações.

Frente ao exposto acima Sr. Candiero, tentou encontrar uma forma de achar as respostas para esse vazio sobre a presença negra na cidade de Curitiba:

[...] foram diversas pesquisas, até chegarmos ao roteiro **linha preta**, diversas atividades. Desta forma o roteiro entra como uma resposta a essa não história desta Curitiba negra. Tentamos encontrar uma forma para falar sobre isso. E o roteiro foi esse meio que encontramos. Eu tive o contato com um livro chamado linha vermelha<sup>5</sup> que conta a história de Curitiba aí eu

---

<sup>5</sup> MENDONÇA, Maria L. N. **Linha Vermelha; pegadas da memória**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1991. 56p

percebo que ali não tem nada sobre a história do negro curitibano, nem das etnias africanas, que são etnias fundantes da cidade de Curitiba, desde então nós começamos a fazer perguntas, do por que não tem, onde estão, por que negaram essas presenças, essa forte presença negra. E as repostas foram vindo gradativamente. É uma coisa muito grande, porém cheia de buracos, não é uma história linear, nós fomos pesquisando, se aprofundando, baseado na oralidade dos mais velhos, depois nos fomos encontrar em alguns livros, algumas coisas nós encontramos nas entrelinhas, fomos decifrando essa presença negra em Curitiba, ainda tem muito para se pesquisar, muito para se mergulhar, mas os subsídios que nós temos, o que nos encontramos já é o suficiente para dar outra narrativa. [...] A cultura negra não é tão simples assim, não basta querer, tem que poder, tem que ter autorização para isso, todo seguimento, posso até querer fazer, mas eu tenho permissão? Essa permissão é dada pelos ancestrais essa permissão é dada pelos mais velhos, eu quero acreditar que essa ideia estava gravitando, ela estava no ar, tinham pessoas tentando olhar pra isso e nós como centro cultural Humaitá tivemos a oportunidade de poder materializar isso, tanto que nosso roteiro é totalmente diferente, não é uma coisa engessada ou um produto acabado, todo dia quando nós fazemos é algo diferente, ele tem sua característica própria, ele é vivo, pulsante, não tem como ser toda vez da mesma forma, ela muda com todas as pessoas que participam cada vez está crescendo mais, trazendo mais informação, está ficando mais rico (SILVA, 2018).

Sr. Candiero ressalta a importância do COPENE SUL em 2015 para a **Linha**

**Preta:**

Em 2015, tivemos o COPENE, eu estava passando em frente à Universidade Federal, aí encontrei a professora Jandi e a professora Megg, pensando sobre o que elas poderiam apresentar no COPENE, como eu estava passando por ali, elas me perguntaram o que elas poderiam fazer, falamos sobre uma exposição, a exposição foi feita, nós contribuimos com toda a exposição, a Megg foi quem encabeçou isso, nós criamos uma comissão para organizar a parte cultural deste COPENE, na época o Jorge Santana, estava fazendo algumas pesquisas sobre, fez a monografia sobre a Enedina Alvez Marquez, e nós montamos um pequeno grupo, nesse pequeno grupo eu sugeri para ele, ali estavam eu, a Megg, Donjoey, e a Jandi, aí trouxemos a Brenda, aí eu propus a eles esse percurso, que nós pensamos desde 2010, porém não tínhamos subsídios para fazer isso, a Megg gostou bastante e comprou a ideia, pra mim foi uma alegria, porque de início era uma coisa minha, do centro cultural Humaitá e agora sendo apresentada em um congresso de pesquisadores negros, podendo visualizar isso também, aí já sai da minha mão e entra a academia, sugerimos os pontos, o panfleto que fizeram para divulgar o evento na época não refletia a ideia do roteiro e a importância que o mesmo possui, mas era um começo, era a academia olhando pro roteiro, era uma coisa importante, aí nós fomos, lançamos nosso livro, afrolapeanos e afrocuritibanos no congresso fizemos a exposição mas eu não participei, pois pra mim a maneira como foi realizada não representava a nossa ideia que foi idealizada pelo centro cultural Humaitá.[...]A Megg e o Jorge Santana fizeram o roteiro, sendo os guias naquela semana, e foi o lançamento, depois daquilo morreu, eu pensei em quais seriam os desdobramentos mas não tiveram desdobramentos (SILVA, 2018).

Conforme citado acima e reiterado pela coordenadora do NEAB Lucimar Rosa Dias em entrevista cedida:

O NEAB não executou mais o roteiro depois do COPENE, as pessoas que participaram da sua concepção ou não estão mais no NEAB ou fazem outras ações que não estão relacionadas, mas está existindo por outros sujeitos que não são do NEAB.

Ela frisa que o projeto foi uma construção e união de vários fatores, como afirma Candiero:

[...] a **Linha preta** como concepção não pertence a ninguém e pertence a todos, os primeiros 12 pontos deu o início a uma sistematização de algo que já havia sido pensado pelos professores da academia, já que existiam algumas pesquisas relacionadas aos pontos [...].

Conforme afirmado acima, o COPENE abriu muitas portas para que o roteiro ganhasse uma maior visibilidade, foram realizadas matérias por parte de alguns canais de comunicação, porém nada além daquilo, para Candiero:

[...] era bem claro que era algo para marcar território, e dizer que aquilo era nosso, nós ficamos quietos, teve um *boom* aí foi aquele barulho, vieram às eleições e nós continuamos fazendo nosso trabalho de sociedade civil, construindo poemas, por que pra nós o percurso precisa ser poético, não pode ser algo morto. Foi então que percebi que não estava acontecendo nada [...] (SILVA, 2018).

A partir do exposto, nota-se que a construção da **Linha Preta**, foi algo construído em conjunto entre vários pesquisadores, dentro da academia e fora dela, o roteiro materializou e uniu essas pesquisas e seus pesquisadores.

#### 4.1.1 Reuniões da Fundação Cultural de Curitiba

Em setembro de 2016, a Fundação Cultural de Curitiba chamou alguns nomes para fazer uma reunião sobre propostas da Programação oficial da Corrente Cultural de Curitiba 2016, conjuntamente ao mês da Consciência Negra em Curitiba em novembro. Candiero afirma que para ele, com a finalidade do roteiro ganhar uma maior visibilidade e apoio havia três pilares que precisam se mobilizar em conjunto: A academia (UFPR), a sociedade civil (Centro Cultural HUMAITÁ) e o poder público (Prefeitura de Curitiba/ Fundação Cultural de Curitiba). Desta forma Sr. Candiero reitera que:

[...] ai eu vi a brecha, como as eleições já haviam passado, eu provoqueei para fazer a virada cultural da consciência negra, mas a FCC não tinha

verba, eu apertei o Cordioli<sup>6</sup>, falei que já que não há verba para fazer nada por que vocês não fazem a **linha preta**, ele abraçou a ideia aí foi aonde ela foi cancelada, já tinha sido pela academia por meio do COPENE e agora com a FCC. [...], mas ele me deu um presente, ele foi à televisão ele falou sobre isso, foi na gazeta, a partir dessas reuniões. O COPENE foi o que acionou o motor da linha, vieram as reuniões com a FCC. Por não terem o recurso, e por ser um ótimo material, o Cordioli firmou o roteiro Veio a consagração com o nome **LINHA PRETA**, e aí todo mundo gostou, [...] a Megg também gostou da ideia, busquei o apoio dela, e assim a linha estava legitimada, veio o Prefeito Rafael Greca que também gostou da ideia, mas disse que não poderia ser **linha preta**, porém não cabia ao prefeito decidir isso, pois foi instituído na sociedade civil, pois já foi cancelado pela prefeitura na época e cancelado pela academia, não era da prefeitura e sim do centro cultural Humaitá [...](SILVA, 2018).

#### 4.1.2 Dificuldades

Candiero afirma que desde o começo houve sempre uma dificuldade pelo fato de várias pessoas tentarem se “apropriar” do roteiro e toda a questão da legitimidade que a academia não aceita quando se trata de um roteiro onde a maior parte das informações é dada pela oralidade: “Apagam a nossa história e o nosso protagonismo, ia me estranhar muito se a academia legitimasse a nossa oralidade, somos nós e não a academia, a academia sempre fez de tudo para não legitimar” (SILVA, 2018). Frente a isso pode se afirmar também que esta dificuldade de legitimação também existe no poder público, não por ignorar a história, mas sim por precisar de sustentação, registro e/ou argumentação para responder os possíveis questionamentos. Para ele, o centro cultural Humaitá sempre desenvolveu o projeto, e realmente é difícil para alguém que nunca teve contato com algo parecido lidar de uma forma correta. Existem projetos parecidos com o roteiro o qual a academia apresenta, porém não possuem o mesmo teor e são desenvolvidos de formas diferentes.

Candiero também comenta sobre sua trajetória de vida e afirma que como trabalha na prefeitura o racismo que enfrenta é de uma maneira muito dura reiterando que

---

<sup>6</sup> Marcos Cordioli - presidente da Fundação Cultural de Curitiba na época. Marcos é graduado em História (UFPR, 1988) e mestre em Educação: história e filosofia da educação (PUC-SP, 1997). Professor universitário de graduação (desde 1994), de especialização *latu senso* (em mais 20 IES); palestrante e conferencistas; consultor técnico de publicações didáticas; publicou artigos, livros e materiais didáticos; É autor de Sistema de ensino e políticas educacionais (Editora IBPEX); cineasta, produtor associado do filme O Sal da Terra (Brasil, 2008) de Eloi Pires Ferreira; diretor de produção de Conexão Japão (Brasil, 2008); produtor executivo de Curitiba Zero Grau (Tigre Filmes e Labo).

Não é que o branco seja ruim, mas quando ele quer entrar na cultura do índio é ruim, quando ele quer entrar na história do negro e falar é o lugar de fala, as pessoas não sabem a importância daquilo pra gente, de como falar. O racismo institucional é um dos grandes problemas, não é entre mim e você, é quando não citam, lá na universidade não falam sobre a nossa importância sobre a concepção da linha, quem falava pelos pretos fique sabendo que os pretos têm voz, como diz MV BILL<sup>7</sup>, nós não estamos dando essa autonomia pra falarem de nós, estamos estudando, temos o lugar de fala o conhecimento (SILVA, 2018).

A Coordenadora do centro de Estudos Afro Brasileiros da Universidade Federal do Paraná Professora Lucimar Rosa Dias afirma que:

[...] a **linha preta** pertence à sociedade curitibana que tem direito a conhecer a presença negra a sua cidade, e é claro que as pessoas negras merecem esse reconhecimento da sociedade curitibana, eu espero muito que as instâncias governamentais façam jus a essa história e organizem dentro da política pública de patrimônio também as marcas que trazem reconhecimento da presença negra em Curitiba e no Paraná.

Para que de fato a **Linha Preta** se materializasse foi um processo:

[...] tudo isso nasce com a lavagem das escadarias de São benedito, foi uma explosão de beleza tão grande, e a gente tem que contar essa história que estávamos descobrindo, através da lavagem começam a aparecer o pelourinho, rua do rosário, praça Tiradentes começa a aparecer a própria igreja do rosário dos pretos, poucas pessoas sabiam dessa presença na cidade, tudo isso foi escondido de uma forma que criasse confusão, esconde e nós estamos cavando tudo isso, mas até chegar nisso, houve muita coisa.

Segundo Humaitá (2013), a Lavagem das Escadarias da Igreja do Rosário dos Homens Pretos de São Benedito é procedida de um Culto Inter-religioso, pedindo paz e o fim da intolerância religiosa, e seguida de Cortejo até o Pelourinho de Curitiba, passando pelas Gameleiras Brancas da Praça Tiradentes. Se a natureza é o maior templo das culturas de matriz africana, a Gameleira Branca representa uma verdadeira Catedral de união com o sagrado. Após o Cortejo, a cultura popular toma conta do Pelourinho de Curitiba, próximo á “Maria Lata D’Água”. A celebração homenageia Nossa Senhora do Rosário, protetora dos dançarinos, artistas, preservadores da cultura popular. No sincretismo, é Oxum, dona da fertilidade e da riqueza, Vale ressaltar que, no ponto de vista africano, a

---

<sup>7</sup> Alex Pereira Barbosa, mais conhecido pelo nome artístico MV Bill, é um rapper, ator, escritor e ativista brasileiro

riqueza não é o acúmulo de bens, mas saúde, paz e uma família numerosa e feliz! Historicamente Oxum foi rainha do povo Ijexá. O toque usado no cortejo, da mesma forma, é chamado Ijexá. Seu nome ficou imortalizado em um rio africano: o Rio Oxum. A festa homenageia também São Benedito santo padroeiro dos negros e negras do Brasil. Juntamente com São Elesbão, Santa Efigênia, Nossa Senhora do Rosário. Em todo o país os santuários dedicados a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito guardam a memória de um tempo que não pode ser esquecido, pra não ser repetido.

Durante os séculos coloniais e republicanos, os batuques e fandangos hoje reconhecidos como Patrimônios Imateriais da nossa cultura, sofreram proibições e discriminações da cultura eugênica. O Brasil é todo permeado de saberes e sensibilidades oriundas da África. Recebeu grande influência inicialmente dos negros Bantos (Congo/Angola), como o Samba, a capoeira, o Jongo e a Congada. Há muito a ser pesquisado e difundido para maior compreensão do legado africano em nossa Cultura “Nunca é tarde para voltar atrás e recuperar o que foi esquecido” diz a linguagem Sankofa. O cortejo que antigamente subia a ladeira do Rosário para encomendar as almas na Capela, hoje desce em busca de memórias da sua cultura e dos seus ancestrais Humaitá (2013).

Todo o processo de construção da linha foi marcado por vários passos, segundo Candiero todas as pessoas que tentaram de alguma forma apagar a linha ou se apropriar dela, não obteve sucesso, pois não o amor e o devido comprometimento para assumir o projeto. Ele também mostra o papel do Centro Cultural Humaitá e conta todo o trabalho realizado. A coleção de livros produzidos pelo centro cultural Humaitá contando a história de Curitiba do Paraná através de poemas partindo do ponto de vista dos negros curitibanos é uma materialização de tudo o que encontraram ao longo dos anos.

[...] não é uma pesquisa acadêmica, é uma imersão profunda na nossa história, como sou da cultura tenho contato com os mestres, os quilombolas, os orixás, e estou na rua toda hora, converso com muita gente e a gente gosta de ler, temos uma biblioteca muito rica, pois quando se fala da história do Paraná é dada pouca atenção agora quando se fala de história da cultura negra no Paraná é dada menos atenção ainda, por conta da eugenia, do processo de branqueamento, e a gente começou a perceber que toda aquela oralidade se confirmava, conseguimos ver os subsídios para cancelar toda aquela oralidade, desta forma foram feitas impressões de livretos com informações para todos, eu não quero falar da minha dor, quero falar da minha cultura de uma forma positiva, mais amoroso, por que é sempre tratada com desdém à diferença é o nosso lugar de fala também, a agente



criou o centro cultural Humaitá para escutar a cultura afro brasileira, mas a partir de Curitiba, pois geralmente escutamos de outros estados, por que vendo sobre a cultura negra em outro estado contínuo fortalecendo a ideia de que em Curitiba não tem negros.

A Sociedade Beneficente 13 de Maio, por exemplo, se encontra em leilão, Candiero afirma que tem se a ideia de tombar a sociedade, porém há muitos empecilhos por conta dos gestores. Ele afirma que no meio de toda a busca de informação para compor os pontos foram encontrando vários significados principalmente na Praça Tiradentes:

[...] encontramos os irocos, quem colocou esse iroco lá? Como ele foi parar ali? Como esses assumiram aquele círculo ali, onde a oralidade diz que ali havia uma pequena camunga, que era um cemitério, uma pesquisadora disse que não conseguiu achar essa informação, mas eu não estou nem aí se ela vai achar ou não essa informação, na nossa oralidade diz que ali teve, e os mais velhos contam que ali teve o pai de santo, os babalorixás, contam que ali teve, iroco é o orixá tempo para os bantos, que foi uma da maioria das tribos que veio pra cá, ele é o dono da verdade, e ele revela a verdade no seu tempo, percebe que como esse monte de informação começa a fazer sentido pra nós muito poderoso, talvez para o pesquisador não vá fazer. Por isso que precisamos escrever, para poder dar subsídios, porém não temos o tempo para poder produzir o conhecimento, por que nós somos a sociedade civil, mas tem muita coisa ainda pra descobrirmos.

Frente ao que foi exposto, nota-se que existe um conflito de interesses entre alguns órgãos, principalmente sobre a autoria, o que pode e não pode fazer o lugar de fala e o papel da prefeitura. Mas vale ressaltar que mesmo com todas essas dificuldades o roteiro se mantém, sempre em busca da união, mas sem perder da essência do que realmente é a **Linha Preta**.

## 4.2 O ROTEIRO NA ATUALIDADE

Como exposto anteriormente, a UNIBRASIL deteve um papel importante neste processo, pois segundo Sr. Candiero uma turma de comunicação da universidade contribuiu na causa na questão da promoção do roteiro. O projeto multimídia foi elaborado e desenvolvido por alunos do sétimo período de Jornalismo do UniBrasil Centro Universitário durante o primeiro semestre de 2018 na disciplina Laboratório de Assessoria de Imprensa, em parceria com o Centro Cultural Humaitá. Produzindo o site da **Linha Preta**, que no dia do seu lançamento ganhou muita visibilidade, criando vários outros mecanismos que auxiliam na promoção e

divulgação do roteiro, como o *Instagram*, um canal do *Youtube* e uma página no *Facebook*. Porém segundo ele a maior divulgação da Linha é pelo “boca-a-boca”. Para Candiero o Copene juntamente com o pessoal da academia que participa do roteiro “[...] plantaram uma alface, uma alface com 3 meses ele está grande, mas as raízes pequenas, nós não, nós plantamos uma árvore, e agora que está crescendo, mas a raiz é grande é um trabalho que vai permanecer, daqui 30/40 anos ainda vai estar lá, nós estamos respeitando os tempos”.

Como citado acima, o *site* da **Linha Preta**<sup>8</sup> está ativo e é o principal meio de divulgação do roteiro, pelo site é possível agendar as visitas mediante pagamento, em torno de R\$ 200/300 reais e conhecer a história sobre os pontos.

A **Linha Preta** é um roteiro turístico em Curitiba que tem como objetivo principal valorizar e dar visibilidade à contribuição negra na construção física e social da capital paranaense, bem como apresentar referências históricas e culturais da sua existência e colaboração para a construção da nossa capital (AFRO-BRASILEIRA, 2018).

Além do *site*, os alunos da UNIBRASIL criaram uma identidade visual da **Linha Preta**:

Figura 1: Identidade Visual



Fonte: Afro-brasileira (2018).

<sup>8</sup> Site da Linha Preta disponível em: <<https://linhapretacuritiba.wixsite.com/linha-preta/a-linha-preta>>. Acesso em: 01 ago. 2018

Além das informações apresentadas acima, no site é exibido o total de 21 pontos aos quais o roteiro abrange.

a) Ruínas de São Francisco

“Não há como saber do lampadário  
suspense pela abóboda alta e ignota.  
Quando eu sonho, entretanto com sacrário,  
uma luz clara da agra abside brota,

arde e assusta. Ou da nave à sacristia,  
não ferissem as garras dessa grade  
a guardar as ruínas da arcaria,  
nem mesmo o suave enlevo que te evade.

Senão seria um muro de tijolos  
que tombara ao primeiro pé de vento,  
servindo a bêbados, mendigos, tolos...

ou tão só um admirável monumento  
intérmino – e não mística jazida  
das cinzas. Tenho que mudar de vida”.

Com esse poema de Wagner Schadeck, intitulado ‘As Ruínas de São Francisco’, inicia-se a busca pela história das Ruínas de São Francisco, ocultada ao longo dos anos. Segundo Araújo, (2018) o local foi pensado para ser uma igreja. Apesar de, nunca ter sido acabado, permanece como um marco para a compreensão da nossa história. Em 1860, as pedras que finalizaram as obras da igreja teriam sido usadas para erguer a torre da antiga matriz e ainda existem relatos, não confirmados, de que foram construídos túneis ligando as ruínas a outros pontos da cidade. As Ruínas de São Francisco revelam uma das mais fascinantes contribuições negras na no processo de desenvolvimento das vilas de Curitiba: as milenares técnicas de construção em taipa.

O Zelador Cultural Candiero, pseudônimo de Adegmar Silva, lembra que, ao falar das construções em taipa, é preciso falar do mestre Belmiro de Miranda e sua esposa Esydia Ephigênia. “Ele era de Alagoas e foi buscado devido ao seu conhecimento. Mestre Belmiro era um exímio construtor na execução de taipas, de mão e de pilão. Ele foi comprado em Maceió e trazido para Guarapuava (PR), por Pedro de Siqueira Cortes. O objetivo era a construção do Solar Dona Ana Joaquina, que foi um dos primeiros casarões em volta da praça da matriz (ARAUJO, 2018).

A professora e diretora-fundadora do Centro Cultura Humaitá, Melissa

Reinehr, afirma que a história do casal apenas começa a ser revelada. “Espero que as pessoas percebam que, para além do trabalho braçal, esta história nos proporciona uma maior compreensão do conhecimento técnico fundamental que veio de África e que ajudou a erguer essas vilas, essas construções antigas. Mestre Belmiro foi responsável pela construção de muitos outros casarões que marcam a arquitetura clássica de Guarapuava. Fazia trabalhos para terceiros em seu tempo livre e também foi um grande abolicionista. O dinheiro que ganhou com as construções de terceiros, ele usou para comprar a sua alforria e de sua namorada, a também escravizada Esydia Ephigênia. Após se casarem, construíram o hotel de viajantes ‘Redenção’. Por meio disto, foi possível que atuassem na campanha de abolição da escravatura: eles compraram juntos, a alforria de mais de 50 escravos, antes da abolição. Essa memória abolicionista da Curitiba antiga, que se caracterizava por ser um território imenso e cheio de vida, ainda precisa ser melhor explorado pelos nossos pesquisadores”, conta (ARAUJO, 2018).

A aquarela Curitiba, de Debret, de 1827, mostra um mestre de taipa trabalhando nas ruínas e mostra uma panorâmica dessa Curitiba do início do século XIX (ARAUJO, 2018).

#### b) Igreja do Rosário

De acordo com Metling, (2018) a Igreja do Rosário, no Largo da Ordem, centro histórico da capital, é a memória viva da época em que apenas as pessoas negras frequentavam e participavam das celebrações (proibidas de entrar na igreja dos brancos). Erguida por negros livres e escravizados, em 1737, a Igreja do Rosário dos Homens Pretos de São Benedito foi um lugar onde homens e mulheres puderam viver sua vida social e religiosa livremente, sem as amarras de brancos escravocratas.

A Igreja do Rosário dos Homens Pretos era um dos raros ambientes onde negros libertos, depois de um longo período de sofrimentos físicos e psicológicos, encontravam acolhida e auxílio, junto à Irmandade dos Homens Pretos de São Benedito. Levantada por braços de resistência, luta e suor, a antiga Igreja do Rosário dos Homens Pretos é obra de indivíduos que, para além da liberdade aprisionada, tinham imensas riquezas trazidas de África em suas almas e em suas memórias. “Ela foi construída pelos negros e para os negros, é a segunda igreja da

Vila e um símbolo da presença negra em Curitiba”, afirma Adegmar Silva, conhecido como Zelador Cultural Candiero, e Assessor de Políticas de Promoção da Igualdade Racial de Curitiba. A narrativa oficial da cidade começa com a chegada dos imigrantes e deixa pouco espaço para as memórias da presença negra e indígena, “os negros da terra”. Mas antes do século XIX, os estrangeiros trazidos para cá, cujo trabalho desenvolveu a região e todo o estado do Paraná, foram homens e mulheres sequestrados em África: bantos, nagôs, jêjes, minas, kassanges, dioulas, benguelas, fulanis, fons, buscados majoritariamente no Congo e em Angola (METLING, 2018).

Entre 1875 e 1893, a igreja também abrigou a matriz da cidade, enquanto as suas paredes rachadas eram reconstruídas pelas mãos talentosas dos mestres negros pedreiros, dentre eles Vicente Moreira de Freitas, também um dos fundadores da Sociedade 13 de Maio. Vale ressaltar que a sua esposa, Olympia Moreira de Freitas, ocupou a cadeira de Rainha do Congo nas tradicionais congadas que então existiam, representadas nas animadas Festas de São Benedito e no Natal dos Escravizados. Em 1931, a antiga Igreja do Rosário dos Homens Pretos de São Benedito foi demolida para, alguns anos mais tarde, dar lugar à Igreja do Rosário - Santuário das Almas. Com a Festa do Rosário e a tradicional lavagem das escadarias da antiga Igreja do Rosário dos Homens Pretos de São Benedito, parte da história negra da cidade que estava em vias de perder-se, passa a ser comemorada anualmente, por ocasião das festividades do Dia da Consciência Negra (METLING, 2018).

### c) Memorial de Curitiba

No Memorial de Curitiba, no Largo da Ordem, um painel artístico narra um pouco da história do Brasil e da própria cidade. O painel do artista curitibano Sérgio Ferro, inaugurado em 1996, é uma mistura do descobrimento do Brasil e algumas simbologias do desenvolvimento de Curitiba. Há desde a representação do pinhão, o Tindiquera (personagem mítico da cidade), os tropeiros e demais elementos que marcaram a narrativa oficial sobre o desenvolvimento curitibano. A presença negra também é representada, mas de forma estereotipada. A representação dos homens no painel é feita como servos submissos e coniventes, enquanto que as mulheres negras têm seus corpos expostos e hipersexualizados. O Pelourinho aparece no painel, mas a história contada é de que o local seria um ponto de emancipação da

cidade. Mas é mais do que isso. O pelourinho era um local de punição onde parte do povo que ajudou no desenvolvimento do município sofreu (METLING, 2018).

O Memorial é considerado pela Prefeitura de Curitiba como um dos principais espaços de cultura na cidade. O local é contemplado com exposições artísticas, congressos, seminários, palestras e oficinas que ajudam a contar a mistura de todas as etnias e povos que existe na região (METLING, 2018).

#### d) Bebedouro do Largo

A construção do Bebedouro com pedras e uma bacia de ferro em seu topo se deu em meados do século XVIII. Foi bastante utilizado para banhar e dar de beber aos animais de montaria. O local era um espaço de convivência onde a população negra era majoritária até o século XIX. A presença de um número significativo de tropeiros negros é atestada em aquarelas de Jean-Baptiste Debret, que os retratou em Curitiba e região. Nos primórdios da vila de Curitiba, vinham negociar produtos no mercado local gente vinda das localidades de São José, Castro, Lapa, Campos Largos de Curytiba (FRESSATO, 2018).

A história da Fazenda Capão Alto, em Castro, é bastante ilustrativa desse movimento comercial oriundo das vilas mais distantes. Conta-se que os carmelitas que lá viviam morreram vitimados por uma epidemia em São Paulo. A fazenda e os negros que lá viviam prosperaram e, por mais de um século, gerenciaram a fazenda de forma autônoma e mantiveram-se cultivando e comercializando normalmente seus produtos em Curitiba (FRESSATO, 2018).

“Inclusive, sabemos que há um grande número de negros livres na região tropeira, por compra da própria alforria, devido ao fato de que o estilo de vida tropeiro proporciona maior liberdade, permitindo comercializar e realizar serviços complementares para reunir os recursos necessários à compra da própria alforria e de seus familiares”, explica Melissa Reinehr, diretora e fundadora do Centro Cultural Humaitá (Centro de Estudo e Pesquisa da Arte e Cultura Afrobrasileira), citando o estudo do historiador Leandro Meira, de Sorocaba/SP (FRESSATO, 2018)..

O bebedouro ainda continua intacto no Largo da Ordem, localizado no centro de Curitiba, e cheio de monumentos e histórias ao seu redor, as quais muitos desconhecem (FRESSATO, 2018).

e) Largo da Ordem

Localizado no coração da região central de Curitiba o Lago Coronel Enéas, mais conhecido como Largo da Ordem é um dos principais pontos turísticos da capital paranaense. O Largo sempre foi um espaço de convivência e de trabalho, desde o século 17. Circulavam pela região tanto homens livres, como escravizados e libertos, que exerciam profissões hoje extintas, frequentavam os comércios e utilizavam o Bebedouro.

As famosas congadas, que se apresentavam na Festa de São Benedito, eram um dos mais esperados acontecimentos da pacata Vila Nossa Senhora dos Pinhais.

Constituíam tanto o natal como esta última festividade, os sucessos mais importantes da vida religiosa anual, naquele período remoto, pois eram abrilhantados pelas apreciadíssimas congadas, levadas a efeito por pretos e mulatos, ostentadamente fantasiados, os peitos cobertos de rutilantes pedrarias, com os seus bailados característicos, acompanhados por uma toada própria, ao som do tambaqué. Fervia encarniçada rivalidade entre a “congada de cima”, dos mestiços, e a “congada de baixo”, ou dos negros, emulação esta concitada pelas famílias residentes a rua das Flores (15 de novembro atual) - da parte de “cima” da rua, famílias de políticos liberais, e as da parte de “baixo”, de membros do partido conservador (Curitiba em 1853, crônica de Rodrigo Júnior, publicada originalmente na Revista da Academia Paranaense de Letras, no ano de 1941).

Mas, a presença dos negros na região vai muito além da igreja do Rosário dos Homens Pretos de São Benedito, segundo o Diretor da Casa da Memória de Curitiba, Marcelo Sutil, já que eles participaram da construção do Largo. “A maioria das obras de arquitetura e engenharia da época teve participação de escravizados e/ou libertos nas construções, trabalhando muitas vezes ao lado de homens livres. Há relatos de equipes de mestres construtores formada por negros, inclusive na obra da catedral” conta (CAMPOS, 2018).

Ainda de acordo com Marcelo Sutil, a arquitetura que existe hoje no Largo é basicamente eclética, de influência de teuto-brasileira, exemplos da Casa Vermelha, Casa Hoffman, a Casa Pierkarz, o Prédio onde funciona o Sal Grosso e o palacete Wolf. Na Casa Romário Martins podemos observar a influência do período colonial, assim como na parte posterior da Igreja da Ordem, que foi ampliada no século 19 com referências neogóticas, mas mantém os registros da arquitetura colonial (CAMPOS, 2018).

A arquitetura do Largo da Ordem preserva um pouco da memória destes milhares de homens e mulheres que, desde o século 17, duzentos anos antes da chegada dos imigrantes, começaram a construir a história da cidade e deixaram ali marcas que se mantêm até os dias de hoje, já que o Largo tem a mesma configuração desde o surgimento até a expansão da então vila.

Atualmente, o centro histórico é um dos principais pontos turísticos da cidade e uma parada obrigatória de quem vem conhecer a capital paranaense, seja durante o dia nos centros culturais, lojas, museus, teatros restaurantes, ou durante a noite com seus bares e baladas. Esta é uma região que sempre passa por revitalização, ajudando a manter a comunidade conectada com a história e as origens de Curitiba.

O Largo da Ordem é um patrimônio cultural edificado do Município e, de acordo com Sutil, é uma forma de conhecer as referências arquitetônicas, modos de morar e de construir. “Mantê-los significa preservar para as gerações futuras nossa história e memória”, finaliza (CAMPOS, 2018).

#### f) Arcadas do Pelourinho

Antes de ser "da Liberdade", o local onde fica o Paço da Liberdade, na Praça Generoso Marques, 189 – Centro de Curitiba era sinônimo de dor, sofrimento e castigos em escravos rebelados contra o regime escravocrata, materializado num poste de madeira com argolas de ferro, erguido em praça pública, chamado Pelourinho.

Construídos em Portugal, desde pelo menos o século XII, os pelourinhos eram instalados no centro das vilas ou das cidades e simbolizavam a sua "justiça". O de Curitiba foi levantado em 4 de novembro de 1668, por Gabriel de Lara, então capitão mor e procurador do marquês de Cascais, senhor das Terras da Capitania de Paranaguá. Sua instalação era uma das condições impostas pela coroa portuguesa para a elevação do povoado à condição de vila. Foi instalado onde hoje é a Praça José Borges de Macedo, que na época era parte do Largo da Matriz (atualmente Praça Tiradentes), e elevou o povoado de Nossa Senhora da Luz e Bom Jesus dos Pinhais a condição de vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, que viria a se transformar na cidade de Curitiba.



No Brasil, diferente de Portugal, o local era designado para aplicação do castigo aos condenados pela justiça, onde eram amarrados e chicoteados. Era um instrumento de punição legal utilizado pelos portugueses em todas as cidades da época colonial, além de símbolo de opressão do governo português. Embora não existam dados concretos sobre quantos escravos foram castigados no Pelourinho, de acordo com a professora e historiadora Amanda Cieslak, o que se sabe é que não servia para punir criminosos em geral. “Como o Brasil constituía-se como uma sociedade escravocrata e de privilégios, o pelourinho serviu notadamente para castigar escravos”, conta a historiadora.

Deixou definitivamente de existir em 1822, após a Independência do Brasil, foi derrubado por representar um símbolo do governo e do domínio português. Em 1994 foi erguida nesse mesmo lugar as Arcadas do Pelourinho. O local possui banca de revista, lojas, cafeteria e floricultura. Em 1996, a praça ganhou a Fonte Maria Lata D'Água, com escultura do paranaense Erbo Stenzel (ALCANTARA, 2018).

#### g) Praça Tiradentes

A Praça Tiradentes é o "marco zero" de Curitiba, local onde foi constituída a Vila Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, em 29 de março de 1693. Na praça foi instalado, ainda no período colonial, a igreja, o pelourinho, a cadeia e a Câmara Municipal, símbolos e instrumentos dos poderes espiritual e real. Ela já foi chamada de Largo da Matriz e Largo D. Pedro II. O nome atual foi dado junto com a Proclamação da República, em 1989. Hoje, a Praça Tiradentes concentra a Catedral de Curitiba, diversos comércios, um terminal de Ônibus, com destaque para a Linha de Turismo e cinco Gameleira Brancas (Iroko), consideradas árvores sagradas nas religiões de matrizes africanas.

As Gameleiras da Praça Tiradentes são um importante ponto durante a programação da Festa do Rosário, que acontece todo dia 20 de novembro, Dia da Consciência Negra. Após lavar as escadarias da antiga Igreja do Rosário dos Homens Pretos de São Benedito, com flores e perfumes, os participantes, vestindo a tradicional cor branca, descem pelo centro histórico, cantando e tocando, em cortejo até o marco do Pelourinho, no Largo da Ordem, passando pelas Gameleiras Sagradas na Praça Tiradentes.

O local tornou-se um importante espaço de preservação e valorização da memória da comunidade negra de Curitiba, em especial para as pessoas ligadas aos movimentos sociais negros e praticantes da Umbanda e do Candomblé. A Gameleira representa Iroko, um raro orixá de origem lorubá e está associado a longevidade, já que as Gameleiras vivem mais de 200 anos. As cinco árvores dispostas em círculo representam um verdadeiro templo a céu aberto e estão para as religiões de matrizes africanas como a catedral está para os católicos: fazendo a ligação entre o céu e a terra, ou seja, entre o Orum (mundo espiritual) e o Ayê (mundo físico).

Na praça ainda existe outro símbolo importante para a comunidade negra, uma placa instalada pela Prefeitura Municipal de Curitiba, homenageando a comunidade afrocuritibana, por ocasião do Decênio Internacional dos Afrodescendentes, proclamado pela ONU para 2015-2024.

Segundo a lenda, o local teria sido indicado pelo cacique Tindiqueira, da tribo Tingui, para levar os primeiros portugueses, que até então estavam acampados às margens do rio Atuba. Na Praça está o Monolito Histórico, que simboliza o poder legalmente constituído pelo rei de Portugal, em 29 de março de 1693. Recentemente foi instalada na praça uma escultura do cacique Tindiquera (CAMPOS, 2018).

#### h) Água Pro Morro

Em meados de 1944, o artista curitibano, descendente de alemães e austríacos, Erbo Stenzel, frequentava a Academia Nacional de Belas Arte no Rio de Janeiro. Em um de seus trabalhos, Erbo precisou apresentar um trabalho sobre escultura, e foi assim que teve a ideia da criação de uma das obras mais importantes de sua carreira, “Água pro morro”, também conhecida como “Maria lata d’água”.

A bela escultura atrás das Arcadas do Pelourinho, em Curitiba, não foi apenas uma criação, ela tem nome, Anita Cardoso Neves. A modelo de umas das obras mais importante de Curitiba, no entanto, segundo conta-se não conseguiu viver com seu grande amor. A criação da obra veio do afeto pela trajetória de vida dos negros e negras no Brasil. A proposta era produzir uma representação da caminhada de uma afro-brasileira em seu dia-a-dia. A obra traz fortes traços de sensualidade, sem expor o corpo da mulher, que apenas se insinua sob as roupas

que parecem molhadas. “Maria lata d’água” mostra-se caminhando com um balde de água, um dos afazeres quotidianos da época.

E escultura de Erbo Stenzel foi fundida em bronze pelo município em 1995, sendo considerada umas das obras mais importantes da cidade (GARCIA, 2018).

#### i) Praça Zacarias

A Praça Zacarias é considerada uma das mais antigas de Curitiba. Construída por volta de 1860, funcionou no início como ponto de ligação entre a capital e os Campos Gerais. Ficava situada entre a rua do Comércio (atual Avenida Marechal Deodoro) com a da Entrada (hoje, Rua Emiliano Pernetá). Ao longo de sua história já acumulou vários nomes: Largo da Ponte, Largo do Chafariz do Ivo, Largo dos Quartinhos, Largo do Mercado, Largo do Museu e Largo do Conselheiro Zacarias.

No ano de 1871, foi instalado na praça o chafariz, considerada a primeira forma de distribuição de água potável encanada de Curitiba. A água do chafariz era proveniente do Campo do Olho d’Água, na atual praça Rui Barbosa (então Cruz das Almas) e foi projetada e executada pelo engenheiro negro Antônio Rebouças. Como não havia produção de tubos de ferro no Brasil, ele utilizou o cobre e encomendou as torneiras da Europa.

A construção na época foi considerada de extrema importância. Durante décadas serviu para abastecer aguadeiros profissionais e as carroças-pipa, famosas por vender água de casa em casa. A engenhosa forma de construção por tubulações subterrâneas serviu de escopo para a construção de dezenas de outros chafarizes na região por conta de sua acessibilidade em bombear e jorrar água potável em um nível mais rápido do que as bicas comuns. A mudança na forma de abastecimento de água na vila ajudou na melhoria da qualidade de vida à época, graças aos estudos de engenharia dos irmãos Antônio e André Rebouças, na Inglaterra.

O chafariz se manteve ativo até o ano de 1910. Época em que foi implementada a rede hidrossanitária na cidade, levando o encanamento para dentro das casas. Com isso as torneiras foram transformadas em objeto histórico pelo grau de importância que foi para os moradores de uma época.

O nome da Praça Zacarias é uma homenagem ao primeiro presidente da província do Paraná, o mulato baiano Conselheiro Zacarias de Góes e Vasconcelos, importante advogado e político brasileiro nascido em 1815. O Conselheiro Zacarias teve papel expressivo no desenvolvimento político e cultural de nossa cidade e do Estado do Paraná, recém-desmembrado da Província de São Paulo. Faleceu no ano de 1877 (DIAS, 2018).

#### j) Praça 19 de Dezembro

Em 1953 o Paraná inaugurou a Praça 19 de Dezembro para celebrar o centenário de emancipação política do estado, que até 1853 foi parte da província de São Paulo.

A história, porém, começa um pouco antes da celebração. Erbo Stenzel, artista plástico e escultor paranaense, estavam no Rio de Janeiro estudando na Escola Nacional de Belas Artes, quando conheceu uma modelo chamada Anita, moça negra da periferia carioca. Esse fato influencia todo seu trabalho futuro, inclusive a Praça 19 de Dezembro, a qual Stenzel foi responsável por arquitetar. Na Praça 19 foi instalada a escultura de um homem nu, em granito, com 18 metros de altura e traços negros. Segundo Megg Oliveira, professora e doutora em educação na UFPR, a estátua simboliza o Paraná dando um passo em direção ao futuro. No projeto também há um painel de duas faces, em que se conta a história do Paraná.

Mas há um detalhe muito interessante na obra de Stenzel: ele tende a representar os negros de forma a engrandecê-los, colocá-los em evidência. No painel da praça percebe-se que os negros são representados em uma situação de poder, de vantagem. “No painel atrás, quem exerce o papel de classe trabalhadora são os homens brancos, em uma clara homenagem aos imigrantes”, diz a pesquisadora. No entanto, as contribuições negras para o desenvolvimento da nossa sociedade também estão evidentes, na figura dos faiscadores, dos tropeiros, bem como do primeiro presidente da Província do Paraná, o mulato baiano Conselheiro Zacarias de Góes e Vasconcelos.

Muito se questionou sobre a escultura. Alguns apontavam a nudez como afronta à moral e aos bons costumes, segundo diziam os textos da época. Preocupavam-se com a proximidade do Colégio Estadual do Paraná. “É uma nudez

quase angelical, porque não existe um traço sequer nessa escultura que acene para uma linguagem erótica”, explica Megg.

Mas o que mais chamou a atenção foram às pessoas questionarem se a escultura realmente representava o povo paranaense. “Em 1986, na revista Veja, saiu uma reportagem, retomando a discussão em torno da escultura e, de novo, questiona se ‘ela representa o povo paranaense’, justificando que a população paranaense seria composta hegemonicamente por pessoas brancas. É um processo de silenciamento da população negra, que o Erbo Stenzel rompe de forma muito violenta”, conclui Megg (LADER, 2018).

#### k) Praça Santos Andrade

A Praça Santos Andrade é uma das principais praças de Curitiba, sendo considerada de grande importância cultural para a cidade. Antes do nome atual, ela teve vários outros títulos. Somente em 1901 ficou conhecida como Praça Santos Andrade. O nome foi dado como homenagem ao ex-presidente do Brasil, José Pereira dos Santos Andrade, que também governou o Paraná entre 1896 e 1900.

No início do século XX, começaram diversas transformações ao redor, com novas construções, novos empreendimentos e, em 1953, tudo mudou com a tão esperada construção do Teatro Guaíra, finalizado em 1970.

O local é importante para a **Linha Preta** na medida em que abriga a Universidade Federal do Paraná, fundada em 1912, tendo como um de seus fundadores um importante afrocuritibano, o negro Pamphilo d'Assumpção. A importância do Dr. Pamphilo d'Assumpção é imensa, na medida em que além de participar da criação dos estatutos da UFPR, fundou o curso de Direito da UFPR, a Associação Comercial do Paraná, o Centro de Letras do Paraná e a OAB/PR. Por conta do centenário da abolição da escravatura, em 1988, a Câmara Municipal de Curitiba instalou na praça uma placa em homenagem à comunidade afrocuritibana (GARCIA, 2018).

#### l) Sociedade 13 de Maio

Em 1888, um grupo de pretos livres, membros da Irmandade dos Homens Pretos de São benedito e escravos recém-libertos em Curitiba, fundou o Clube Beneficente Treze de Maio.

O clube ficava numa região conhecida como Boulevard São Francisco, onde vivia um grande número de pessoas negras. Nasceu com objetivo de agregar os ex-escravos, e ajudá-los com auxílio médico-hospitalar, financeiro, educativo, social e funeral; formando uma caixa conjunta por meio das contribuições voluntárias de seus associados que servia também para garantir o mínimo de assistência e segurança a todos, extensivos também aos seus familiares.

Com uma organização bem definida, na diretoria eram divididas as tarefas administrativas. Convocação de reuniões, organização de campanhas de arrecadação de fundos, realização festas religiosas e cívicas, prestação de assistência aos associados, e também aos necessitados. Inclusive encaminhando-os às oportunidades de trabalho que existia na época. O clube era ponto de referência para 99% dos libertos.

Com o passar do tempo o lugar prosperou muito. Entre os anos 1930 e 1940, verificou-se o auge de sua estruturação, com a expansão de sócios, aceitando todas as raças, tornando-se mais pública, inaugurando a fase dos bailes dominicais e dos eventos sociais. Envolvendo o seu quadro associativo com a sociedade local. Mas com isso começou a perder suas festividades religiosas e tradições.

A partir da década de 50 a Treze de Maio foi reformada. Perdeu suas características arquitetônicas, o que a impede hoje de ser tombada, tornada Unidade de Interesse Especial de Preservação. Em 1996 a casa passou por nova reforma realizada pela Prefeitura, na qual “sumiram” quadros com fotografias, placas e uma mesa centenária. Foi reinaugurada no mesmo ano, e atualmente é conhecida como Sociedade 13 de maio, com o nome oficial de Sociedade Operária Beneficente Treze de Maio (ALCANTARA, 2018).

#### m) Memorial Africano

O Memorial Africano, o maior portal africano fora da África, foi inaugurado em Curitiba, em 2010, na Praça Zumbi dos Palmares, Pinheirinho. Trata-se de uma homenagem de Curitiba aos povos afrodescendentes e ao continente-sede dos jogos da Copa do Mundo de 2010.

O nome da praça, Zumbi dos Palmares, homenageia o líder do maior quilombo das Américas, símbolo da resistência à escravização e da luta do povo negro pela libertação de todos os escravizados da nação. A data da sua morte, em 20 de novembro de 1695, marca o Dia Nacional da Consciência Negra. Para o movimento negro organizado, o dia 20 de novembro é mais legítimo para representar a libertação dos escravos, do que o dia 13 de maio. Primeiramente porque a luta por libertação já existia desde a chegada do primeiro homem e mulher negra em terras brasileiras. Por outro lado, em 13 de maio de 1888, quando o Brasil (último país das Américas a extinguir o sistema escravagista) assina a Lei Áurea, a maioria dos escravizados já tinha alcançado a libertação por outros meios, como a compra da própria alforria, fugas, alternativas legais vigentes e fundos de libertação.

Com aproximadamente 21.600 metros quadrados, cancha de grama sintética, quadras poliesportivas e locais para churrasco, a maior atração é o memorial que fica na entrada principal, com 54 colunas representando cada um dos países do continente africano.

Cada coluna de quatro metros de altura leva o nome do país que representa, a sua bandeira e a sua localização no continente. Descrições e desenhos são feitos em azulejos cravados nas colunas. A ideia é que cada missão oficial de países africanos que venha em Curitiba fixe uma placa na coluna correspondente ao país.

Além das 54 colunas, outras duas amarelas, com o dobro do tamanho, e diferenciadas das demais completam o portal. As duas colunas simbolizam a educação e a cultura. Uma delas, da educação, é de aço perfurado com iluminação interna. A outra, em argamassa com desenhos africanos em baixo relevo.

Um mosaico de pedras nas cores preto, branco e vermelho forma o mapa do continente africano, com o desenho dos países, e também faz parte do Memorial Africano, na praça Zumbi dos Palmares. A praça tem ainda espaço para feiras de artesanato étnico (ALCANTARA, 2018).

#### n) Gameleiras Sagradas

As Gameleiras Sagradas são árvores muito importantes, tanto na África quanto no Brasil. É nelas que se cultiva o Orixá Iroko, que representa o Tempo, a relação com o passado mais antigo.

Em Curitiba, existem cinco Gameleiras, também conhecidas como Figueira Branca, localizadas na Praça Tiradentes, marco zero da nossa capital. "Elas representam para as religiões de matriz africana o que a Catedral representa para a fé católica. Existe uma mitologia de que ela é a árvore fundamental por onde os Orixás descem do Orum para o Ayê, descem do céu para a terra. Claro que dentro de outra lógica, onde não é céu e terra, mas sim a Cabaça da Criação. A mitologia fundamental não é separada em céu e terra, mas em mundo visível e mundo invisível" conta a Melissa S.Reinehr, atual presidente do Centro Cultural Humaitá.

Por sua importância cultural e também histórica para a memória afrocuritibana, foi instalada neste local uma pedra com os dizeres:

*A raiz negra em Curitiba  
é forte, antiga e ativa,  
faz parte da história  
e alimenta o futuro*

A frase é inspirada em uma música tradicional cantada no cortejo de afoxé que desce até o marco do pelourinho de Curitiba após a lavação das escadarias da antiga Igreja do Rosário dos Homens Pretos de São Benedito, na Festa do Rosário. A cantiga diz "a raiz negra em Curitiba é forte, é muito antiga e traz as bênçãos de Oxalá". Melissa conta que para ela, que estuda a cultura negra em Curitiba, é muito sintomático a palavra Oxalá ter sido retirada da frase pela municipalidade. "Substituir 'as bênçãos de Oxalá' com receio dos ataques racistas de alguns intolerantes mostra como o racismo se manifesta de formas sorrateiras e altamente eficazes na sociedade".

Oxalá, nas religiões de matriz africana, representa aquele que foi o "filho direto de Deus entre os homens" no sincretismo - Jesus Cristo. Já na tradição africana, Oxalá é simbolizado no elemento do ar e coexistiu com a formação do mundo. Representa a paz, a pureza. Ele era antes que Jesus o fosse.

Durante a Festa do Rosário, que acontece todo dia 20 de novembro, os participantes lavam as escadarias da antiga Igreja do Rosário dos Homens Pretos de São Benedito, com flores e perfumes. Os participantes, vestindo a tradicional cor branca, descem pelo centro histórico, cantando e tocando, em cortejo até o marco



do Pelourinho, no Largo da Ordem, passando pelas Gameleiras sagradas (Iroko) na Praça Tiradentes.

A lavação das escadarias da antiga Igreja do Rosário dos Homens Pretos de São Benedito “começou como um ato contra a intolerância frente às religiões de matriz africana e, com o passar do tempo, se tornou uma prova de fé do povo de santo do Paraná e uma das mais belas festas do turismo religioso do sul do Brasil. Em 2013 a Câmara de Vereadores de Curitiba inseriu a Festa do Rosário no Calendário Oficial de Eventos do Município, por sua relevância cultural e por sua beleza e alegria contagiantes” (CAMPOS, 2018).

o) Museu Paranaense

Acerca deste ponto, o site não disponibiliza nenhuma informação.

p) Emiliano Pernetá

Emiliano David Pernetá nasceu em Pinhais, nas redondezas da capital Curitiba. Com ascendência africana e judaica, dizia possuir nariz grego, levemente deformado pela influência da África. Foi poeta influenciado pelo parnasianismo, tendo seus primeiros poemas publicados em *O Dilúculo*, de 1883. Em 1885 se mudou para São Paulo, onde fundou a *Folha Literária* e quatro anos depois, se formou em direito e foi orador da turma, discursando sempre em defesa da República, sem saber que a mesma havia sido proclamada no Rio de Janeiro horas antes.

Depois de São Paulo e da formação acadêmica, Emiliano foi para o Rio de Janeiro, onde colaborou com vários periódicos e foi secretário da *Folha Popular*, na qual foram publicadas as manifestações iniciais do movimento simbolista, assinadas pelos poetas B. Lopes, Cruz e Sousa e Oscar Rosas. Exerceu a função de promotor de justiça em Minas Gerais. Retornou para Curitiba em 1896, exercendo o jornalismo, a advocacia e o magistério. Seu nome se inclui, não apenas entre os iniciadores, mas entre os precursores do simbolismo no Brasil. Longamente apagado por efeito da trama contra o simbolismo, esse nome vem emergindo a cada vez mais para uma fulguração gloriosa.

No livro “Panorama do Simbolismo Brasileiro”, de Andrade Muricy, já aparecem alguns poemas de Emiliano, marcados de sua singularidade de beleza inegável. Revelada pelo esforço de Muricy, a profundidade, a legitimidade e a força de ressonância do movimento no Brasil, começaram a surgir antologias do nosso simbolismo, e nos livros de história literária ou de aprendizagem escolar, capítulos admirativos e respeitosos sobre os simbolistas brasileiros. Entre as antologias aludidas, a que foi organizada por Péricles Eugênio da Silva Ramos para as “Edições Melhoramentos’ merece atenção especial”. Por ela se vê claramente quanto foi decisiva a influência de Emiliano no surgimento e no desdobramento do simbolismo em nossa terra.

Emiliano recebeu muitas críticas em seus poemas, principalmente depois do aparecimento de seu livro Ilusão. Péricles Eugênio - que é poeta, tradutor, ensaísta, crítico literário e professor brasileiro - foi um deles. Fez crítica à poesia de Emiliano, chamando de paganismo corroborando, devido ao seu temperamento altamente voluptuoso. Contemporâneos de Péricles perceberam que estavam em face de um juízo preconceituoso e errado.

Emiliano utilizava a autenticidade do poema. Para ele, o poema precisava efetuar a integração do habitat na substância poética. Tudo isso devido à formação intelectual e emocional dele, em contato com o fervor pela Grécia antiga. Neste sentido, o Emiliano se tornou o grande poeta do Paraná e também do Brasil. Nas suas poesias, o que se vê é a alegria de viver, de viver a real beleza da vida no êxtase (FRESSATO, 2018).

#### q) Rua Emiliano Pernetta

Em Curitiba, o príncipe dos poetas paranaenses ganhou uma rua em seu nome. Localizada no centro de Curitiba, ela tem cerca de um quilômetro e liga o centro ao bairro Batel. Do seu começo, na Praça Zacarias, até a metade, há uma via com muitos pontos comerciais e edificações com pouca conservação, mas quando chegam ao bairro Batel, os imóveis mudam de padrão.

O motivo para a existência de muitos pontos comerciais, se dá pelo abandono dos imóveis, assim, há menos moradores, não sendo possível preservar um prédio para moradia.

Mesmo assim, existem locais que fazem com que a rua ganhe olhares e chame atenção, como o Instituto de Educação do Paraná e o Museu de Arte Contemporânea. Uma curiosidade é a data em que eles foram erguidos e a arquitetura deles, como, por exemplo, o Instituto de Educação do Paraná foi construído em 1922, quando se defendia o modernismo, e seu estilo é eclético.

A Faculdade Unicuritiba e a Escola de Música e Belas Artes do Paraná já tiveram suas sedes na rua, mas hoje são ocupadas por hotéis, perdendo o espaço que antes eram de instituições. Em direção ao bairro Batel, a rua deixa de ter um viés comercial para dar lugar a uma mistura de estabelecimentos comerciais, prédios para moradia de alto padrão, escritórios sofisticados e algumas áreas de lazer, como bares e danceterias (FRESSATO, 2018).

#### r) Um Busto Para Emiliano Pernetá

Wilson Martins descreve a cerimônia de coroação de Emiliano Pernetá como o "príncipe dos poetas paranaenses", no Passeio Público:

Em agosto de 1911, tudo o que havia de intelectual e artístico em Curitiba assistiu à Festa da Primavera numa ilha do Passeio Público a fim de sagrar Emiliano Pernetá como "Príncipe dos Poetas" no momento em que publicava o volume "Ilusão". No ambiente de fervente helenismo então promovido pelo neopitagórico Dário Velloso, os oficiantes, envoltos em clâmides largas e solenes, chegaram em luxuosas carruagens e longas procissões, entoando hinos religiosos da antiga Hélade. (...) Como a um tragedista ou um épico helênico, ou a um poeta da Academia Romana da Renascença, coroaram Emiliano Pernetá. A coroa que lhe cingiu a fronte, numa cerimônia nobre e singela, era de louros naturais, mas a dádiva ilustre, que lhe fizeram alguns milhares de admiradores, foi de um simples exemplar de "Ilusão", revestido de veludo e com o nome e o título em letras de ouro verdadeiro, num cofre de madeiras preciosas, hoje no Museu Paranaense.

Emiliano Pernetá, poeta afrocuritibano, foi o mais destacado em uma geração de escritores com Dário Velloso, Silveira Neto, Júlio Pernetá, Leôncio Correia, Romário Martins, entre outros, que revolucionaram a vida cultural curitibana, transformando-a em uma espécie de capital do movimento simbolista no Brasil (FRESSATO, 2018).

#### s) Voluntários da Pátria

O ano era 1865 e o Brasil estava com poucos soldados para lutar pelo seu país na Guerra do Paraguai. Assim, o Império que comandava na época sugeriu reunir voluntários em prol da luta, quem estivesse apto em lutar por seu país na guerra estaria sujeito a privilégios como: posses de terras, contos de réis, empregos públicos, assistências para aqueles que voltassem com sequelas da guerra e a liberdade para os escravizados.

Voluntários da Pátria foi à denominação que o Imperador Dom Pedro. II deu aqueles que se voluntariaram para o reforço das forças militares do Exército Brasileiro, na Guerra do Paraguai (1864-1870). Muitas pessoas candidataram-se para ir à Guerra, elas vinham de várias regiões do país, por isto há diversas ruas pelo Brasil com o nome de Voluntários da Pátria. Em Curitiba, é no centro que a rua se tornou ponto de passagem de quem se desloca pela cidade.

Havia Unidades de Corpos de Voluntários da Pátria (CVP), batalhões espalhados pelo território, a do estado do Paraná era o 7º CVP, designado em duas companhias, das Províncias de São Paulo e Paraná, que cederam voluntários à luta armada em uma época que o povo brasileiro se entusiasma em representar seu país.

Com a participação do povo brasileiro reduzida, o que era voluntariado passou a ser um recrutamento forçado por parte do governo imperial. Assim, principalmente os negros é que foram prejudicados, por conta de condição de escravos e da obrigatoriedade devido seus patrões, pois o envio de negros no lugar de filhos de fazendeiros era frequente na época. Para a professora de história da UFPR, Megg de Oliveira, o Império criou uma maneira para que os negros fossem chamados à guerra.

“Acharam uma brecha neste chamamento e começaram a mandar os escravizados”, pontua. Enviar os negros para a guerra tornara-se tão comum ao ponto de fugas em massa ocorrerem para evitar a participação na guerra. Dom Pedro II chegou a oferecer a liberdade aos escravos que aderissem ao confronto, mas não honrou ao final da guerra. Assim, os Voluntários da Pátria, que em sua maioria eram negros e deram seu sangue pela pátria, em lugar de ser tratados como heróis, sequer receberam os benefícios prometidos na sua totalidade no pós-guerra. Muita gente que passa pelo centro da capital não sabe que os tais Voluntários da Pátria não foram, especificamente, voluntários e que quase todos ou a maioria deles eram negros forçados a lutar no lugar de senhores brancos (METLING, 2018).

t) Viaduto Capanema

O Viaduto Capanema abrigava os ensaios da primeira escola de samba de Curitiba, a Colorado, nas décadas de 30, 40 e 50. A importante presença negra na comunidade dos ferroviários e a proximidade da Vila Tassi, fazem do local um importante foco de memória negra da cidade. Por este motivo, o local foi destinado à construção de um Centro de Referência da Cultura Negra em Curitiba. Para valorizar e dar visibilidade à área e à presença negra na região, o Centro Cultural Humaita - Centro de Estudo e Pesquisa da Arte e da Cultura Afrobrasileira recebeu da prefeitura de Curitiba a permissão para o uso do Viaduto Capanema para a construção do referido centro. A população em geral poderá se beneficiar do espaço, que será de visitação, valorizando a presença negra, reunindo acervos de pesquisas e eventos temáticos durante todo o ano.

“Curitiba é a capital mais negra do sul do Brasil, o Paraná é o estado mais negro do sul”, conta Adegmar Silva. No entanto, muitas das histórias afrocuritibanas foram apagadas e excluídas ao longo do tempo. Para reverter esta situação, de descaso e esquecimento, foi implementada a revitalização para a construção do Centro de Referência da Cultura Afro.

O processo de aprovação da Permissão de Uso para revitalização do viaduto e construção do centro foi longo. Após a liberação do espaço, inúmeras ações foram realizadas, com destaque para os Encontros de Cultura de Rua Pela Paz, em parceria com a SENAD/MJ, no âmbito do Programa Juventude Viva. Para essas ações, além de todo o trabalho de montagem e desmontagem dos equipamentos, foi preciso limpar o espaço antes, pois em dias comuns, sem eventos, o problema do lixo, moradia precária, assaltos, furtos e crimes ainda existem.

“Funcionava mais ou menos assim, primeiro tinha que retirar o lixo acumulado, com o apoio da Prefeitura, depois do caminhão de lixo, entrava em cena o caminhão e finalmente, soltar o verbo, o som, o corpo! Deu um trabalhão! Mas valeu a pena!”, exalta Adegmar Silva, então presidente do Centro Cultural Humaitá, atualmente afastado para exercer o cargo de Assessor de Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Prefeitura de Curitiba.

O Viaduto Capanema está situado em uma região privilegiada para a memória afrocuritibana. Pois, como já relatado, no viaduto nasceu a primeira escola de samba de Curitiba, sendo a antiga Vila Tassi, o berço do samba local. Marcada também pela presença negra entre os ferroviários que, além do samba, praticavam outras atividades, como o partido alto, a capoeira, o jongo e outras.

Além disso, o local é vizinho do Bairro Rebouças, relacionado aos irmãos e engenheiros Rebouças, responsáveis pelo projeto ousado e imponente da ferrovia Curitiba - Paranaguá (CAMPOS, 2018).

#### u) Engenheiros Rebouças

André e Antônio Rebouças estão intimamente ligados à história da modernidade paranaense. Em conjunto desenvolveram estradas, ferrovias, sistemas de abastecimento de água, engenhos de erva-mate e a indústria madeireira. Vieram para o Paraná na década de 1870.

Os irmãos participaram também da Guerra do Paraguai, lutaram pela emancipação dos escravos, sonharam com a industrialização e com um Brasil desenvolvido. Não tem como não falar da história da cidade e do estado sem citar os negros baianos Rebouças. Os dois assumiram parte da responsabilidade de transformar uma província ainda em construção em uma grande metrópole da região sul. Dentre os legados o maior pode ser considerado a formulação do projeto modelo para a ferrovia e a estrada que liga Paranaguá a Curitiba. Antônio, que foi o engenheiro chefe, não participou da execução, mas junto com seu irmão tornou possível às obras. Isso fez com que Curitiba pudesse reunir condições para tornar-se a capital do estado.

Responsáveis por estudos e soluções técnicas que viabilizaram a expansão do Paraná, também tiveram importante papel ao fundarem nas margens da estrada da Graciosa a primeira indústria do estado. A Companhia Florestal Paranaense foi instalada em 1871 e utiliza energia das máquinas a vapor. Com isso o nível de produção paranaense triplicou.

Quanto mais a província de Curitiba dava passos para a consolidação de capital do estado, mais os irmãos eram exigidos com iniciativas de obras imprescindíveis. As primeiras expansões sociais se deram com projetos estudados e

realizados por eles quando passaram pelo Rio de Janeiro. Naquela cidade eles participaram ativamente com projetos de infraestrutura.

Além dos feitos de serviços públicos da cidade, André e Antônio também foram muito ativos em questões sociais. Juntos lutaram pela igualdade racial, cobrando das autoridades o fim da escravidão e melhores condições de vida para a classe operária. Defensores dos mais pobres sofreram os mais diversos preconceitos por onde passaram (DIAS, 2018).

#### v) Museu da Arte Sacra

No anexo da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Chagas encontramos o Museu de Arte Sacra. O museu inaugurado em 1981 possui cerca de 800 peças, entre elas obras raras, pinturas, objetos de culto, fotografias e até mesmo objetos pessoais.

Entre as obras também é possível encontrar peças ligadas a cultura negra em Curitiba, como a escultura de São Francisco feita pelo artista Lafaiete Rocha e uma representação antiga de São Benedito.

O mestre Lafaiete Rocha foi um importante escultor paranaense negro, originário do Mato Preto, na Lapa. É um dos artesãos fundadores da feirinha de domingo, também conhecida como feira do Largo da Ordem. Lafayette nasceu em uma família simples, seu pai era jardineiro e a mãe dona de casa. Com cerca de 10 anos precisou largar os estudos e começar a trabalhar para ajudar a mãe, pois o pai foi embora de casa. Já maduro em sua arte, foi um conhecido santeiro, sua especialidade era produzir santos em madeira. Um dos maiores sonhos de Lafayette era justamente produzir um São Benedito em tamanho real com a maior peça de madeira que encontrasse. Na Lapa, sua cidade natal, está localizada o maior santuário de São Benedito do mundo.

O artista também produziu uma coleção de homens e mulheres bicho, mas essas peças são difíceis de serem encontradas, pois estão espalhadas em coleções particulares. Atualmente há apenas uma no Museu Oscar Niemeyer. Lafaiete utilizava principalmente a madeira para esculpir, e para colorir as peças utilizava pigmentos naturais.

Começou a vender seus trabalhos na Lapa mesmo, mas em uma das viagens da esposa a Curitiba para vender algumas peças, a diretora da Casa Alfredo Andersen, Ivany Moreira, descobriu o artista e o trouxe para Curitiba.

w) Padroeiro dos Cozinheiros

São Benedito era um negro livre da Etiópia e que foi criado na Itália. Padroeiro da irmandade dos homens Pretos de São Benedito, é um santo conhecido por sua personalidade amorosa e solidária, sendo também padroeiro dos cozinheiros. São Benedito tinha o costume de distribuir pães da cozinha para quem não tinha o que comer, sendo um santo que possui forte relação com a comida, justamente por isso a maioria dos seus milagres são de doação de comida para quem passava fome.

Um belo dia, o chefe do mosteiro virou para ele e falou. “Benedito, o que você está levando aí de baixo do manto? “. ‘Oh meu senhor, são apenas rosas. ‘Deixe me ver’. E pede para ele levantar o manto, pois ele tinha esse hábito de levar pães para fora do mosteiro e distribuir para as pessoas com fome. Ele então levanta o manto e havia de fato rosas dentro do cesto. Esse é o mais famoso milagre de São Benedito”, comenta a atual presidente do Centro Cultural Humaitá, Melissa Reinehr (ARRUSIQ, 2018).

x) Catedral Basílica Menor

A Igreja Matriz, atualmente a Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, localizada na Praça Tiradentes, no Centro Histórico de Curitiba, foi construída por muitas mãos negras. Mas os negros não estiveram presentes apenas como construtores. Dois engenheiros negros, que na época estavam em Curitiba, também foram importantes para a construção da igreja. “Dois Engenheiros negros muito importantes, os irmãos Rebouças, estavam na cidade e deram o aval técnico: realmente é preciso que seja feito”, comenta Melissa Reinehr, a atual presidente do Centro Cultural Humaitá.

Então a obra começou com os mestres de obras que cuidavam da Igreja do Rosário. Logo em seguida para ajudar na obra chegou o engenheiro Giovani Lazzarini, que comovido pela situação dos construtores negros escravizados,



realizou um movimento para conseguirem a alforria desses negros. Então a igreja foi construída por homens livres. Entre os construtores também havia imigrantes portugueses e alemães.

Vicente Moreira Freitas, um destes ex-escravizados foi um importante mestre na construção da igreja. Vicente nasceu na África e chegou ao Brasil escravizado, porém, após tornar-se livre foi grande inspiração para os demais, sendo um dos fundadores do segundo clube negro do Brasil, a Sociedade 13 de Maio, também pertenceu à Irmandade de São Benedito.

Porém, a participação dos mestres de obras negros não ficou registrada na placa oficial, quando a igreja foi inaugurada. Instalaram uma placa comemorativa na entrada da Igreja e nesta placa estavam registrados apenas os nomes das autoridades brancas responsáveis pela obra.

Vicente, revoltado com a situação, foi até a placa com uma marreta e bateu com fúria, deixando uma marca na mesma. A marca está presente até hoje, basta visitar a igreja e observar a parte de baixo da placa à direita da porta para ver o registro deixado pelo mestre de obras. Ou seja, mesmo não possuindo seu nome registrado na placa como as demais autoridades, a participação do mestre de obras negro na construção da igreja está registrada.

A gestão do roteiro conforme afirma Candiero está sendo feita de maneira artesanal e está no processo de se profissionalizar, o roteiro é uma resposta a uma necessidade e segundo o mesmo existe um mercado para o turismo educacional (ARRUSIQ, 2018).

Desta forma o roteiro atualmente está acontecendo e segundo Candiero:

[...] a maioria das pessoas que buscam conhecer o roteiro são alunos das escolas particulares, recentemente fizemos um roteiro com doutores, mestres e doutores da universidade da rede pública de ensino, para conhecerem essa história e produzirem artigos, para que vá chegando às escolas, é um laboratório de afro localidades, conseguimos levar essa ideia para a secretaria de educação e ela aprovou essa ideia, porque por exemplo você produz esse material, a gente criou esse material para os professores olharem para isso e produzirem algo a partir disso.[...] Muitos deles se baseiam por conta da lei 10.639/03<sup>9</sup>. O roteiro cresce cada vez mais, está se profissionalizando.

---

<sup>9</sup> Trata-se da inclusão dos saberes indígenas, africanos e afrodescendentes em todos os níveis e esferas do ensino.

Ele reitera que atualmente é a primeira vez que o roteiro está sendo cobrado (R\$ 200/300), sendo realizado centro cultural Humaitá, e atende no máximo 30 pessoas por percurso, e que o maior público atualmente são as escolas, o foco dele hoje são as crianças.

[...] e tem acontecido algo muito bacana, a gente para debaixo das árvores e começa a contar histórias e é uma coisa tão natural, desta forma podemos colocar o jongo, o canto, uma poesia esse é o intuito, fazer uma **linha preta**, um percurso, mas com todo afrocentrado, não técnico, a gente quer um processo de interação, que as pessoas se apropriem disso porque é legal, porque é bom.

Ele comenta um pouco de como é a experiência de ser guia do roteiro:

[...] A gente resiste né, quando termina esse percurso aqui, você está exaurido, exige muito, são muitas energias, é muito forte, pra mim não é só uma informação, só que a coisa começa a crescer a mais, estamos produzindo o conteúdo, em inglês em espanhol, estamos produzindo um livro sobre os subsídios para a construção de uma **linha preta**, já fiz um livreto e agora estamos construindo algo maior com mais informações, e essa construção é umas constante, estamos vendo algo maior, assim começa a aparecer coisas interessantes, passeios com cadeirantes, desta a gente começa a provocar a prefeitura a arrumar o largo da ordem por causa desses passeios, passeio em livros, aí temos pessoas interessadas em fazer o passeio em francês, em inglês, e vai sendo uma união, isso é *ubuntu*<sup>10</sup>, isso é cultura negra, uma forma afrocêntrica, nós queremos capacitar jovens negros entregar isso pra eles, você precisa reconstruir a história não só contar.

Candiero afirma que na Praça Tiradentes, a cada 15 dias está acontecendo uma roda de capoeira, e que o intuito é virar uma tradição na cidade. Hoje se encontra uma placa ali na praça, que fala sobre a importância da cultura africana para a cidade.

#### 4.3 PLANOS PARA O FUTURO

Todo o processo de construção da **Linha Preta** de acordo com Candiero foi uma construção e união de vários fatores:

Nessa construção da **linha preta** nós descobrimos vários personagens afrocuritibanos. Descobrimos um caminho que liga Sorocaba a curitibanos, aí fazemos a proposta para conseguir pesquisar as trilhas afroparanaenses, ao prefeito Rafael Greca, ele ficou empolgado e falou que para conseguir isso, precisamos começar em Paranaguá, e me deu subsídios para isso, agora estou negociando com o governo do Estado para conseguirmos

---

<sup>10</sup> Ubuntu é uma antiga palavra africana e tem origem na língua Zulu (pertencente ao grupo linguístico bantu) e significa que "uma pessoa é uma pessoa através (por meio) de outras pessoas".

trabalhar juntos, com a UFPR, a Secretaria de Cultura e as Prefeituras municipais, aí a **linha preta** vira o protótipo, um laboratório, redescobrimos essa história em vários lugares, como Guarapuava e castro.

Pela primeira vez o Instituto Municipal de turismo de Curitiba, chamou o Sr. Candiero para construir um produto **Linha Preta**, que para ele é uma faceta da **Linha Preta**, que está sendo analisadas essa parceria e criar esse produto “[...] e ampliar para libras, outros idiomas, e o maior desafio que tenho é musicalizar esse percurso, para cada ponto uma poesia”. Ele também comenta sobre formas de crescimento e ampliação do roteiro por meio de medidas voluntárias:

[...] nós acreditamos que esses meninos que estão em medidas socioeducativas na sociedade curitibana, nós podemos ajudar a fortalecer a autoestima desses meninos, conhecendo essa história e proporcionando para que eles possam ganhar algum recurso com essa história, fazendo 10 linhas pretas por mês, permite que ele estude, foco nesses meninos, nos meninos da favela.

Candiero também comenta sobre a transformação do viaduto Capanema em um espaço cultural que ainda está em processo de construção:

[...] aquele espaço é perfeito para a nossa luta, pois ali nasceu a primeira escola de samba, é um ponto de memória negra, a **linha preta** é muito isso, pontos de memória, memória não escrita. Em processo de construção temos o viaduto Capanema e 13 de maio e seu fortalecimento e tentar fazer esse centro de cultura negra no Capanema, lembrando que não é falta de dinheiro e sim falta de vontade política. A feira do rosário, fortalecer o afro empreendedorismo, com recursos. Já conversei com um grupo de escultores para materializar essas personalidades que vamos descobrindo no bronze para perpetuar essa história, em teatros, música, temos uma menina fazendo HQ com essa história da Curitiba negra.

É importante a fala de Candiero sobre o que marca a **Linha Preta**:

[...] a **linha preta** é pra todos, não é só pra uma etnia, essa história é da cidade, então como a cidade foi competente de contar essa meio história para todo mundo se faz necessário que isso seja ampliado, o foco é na próxima geração sempre, pois como diz Darcy Ribeiro o importante não é o que somos hoje o importante é o que nós somos daqui, 30 40 50, então o foco são nas crianças, historiadores, pesquisadores. As pessoas não são, mas, elas são mal informadas cabe a nós levar essa informação.

Para o zelador cultural o maior desafio do roteiro atualmente é não deixar o roteiro morrer:

O centro cultural Humaitá teve a honra de poder materializar a **linha preta**, mas se ficar com o centro cultural ela vai morrer, como a festa do rosário, nossa luta é como passar isso para outras pessoas, mantendo com o axé, a

força a vitalidade, manter do jeito que tem que ser feito, estamos ansiosos pra passar isso para outras pessoas com responsabilidade. Por que é uma história pesada, mas precisa ser passada com leveza. Essa essência é criatividade constante, criatividade é a marca da cultural afro brasileiro, temos que traduzir essa história, mas temos que ser fiel à tradução.

O roteiro de entrevistas aplicado à população geral contribuiu muito para a fundamentação da pesquisa. Todas as pessoas que responderam a pesquisa já eram moradoras da cidade de Curitiba-PR. Por este fato os entrevistados já conheciam muitos dos pontos. Entretanto destacam a importância do mesmo: Entrevistado 1: “[...] não tinha a leitura sobre o que os pontos representavam”. Eles comentam sobre serem lugares ao quais passam todos os dias e somente após o roteiro tiveram essa percepção acerca do que aqueles espaços representam para a história do Paraná e de Curitiba. Afirmam sobre a importância do roteiro como: Entrevistado 2 “uma experiência enriquecedora culturalmente”. Desta forma podemos destacar as falas dos Entrevistados 3, 4, 5 e 6:

O roteiro foi significativo tanto no âmbito pessoal como profissional do Turismo, uma vez que além de ser um roteiro inovador para cidade de Curitiba, proporcionou a experiência no resgate das raízes ainda mais em se tratando de uma cidade do sul do país comercializada como " A Europa Brasileira".

[...] Significou pra mim o despertar para olhar para a cidade de outra forma, pois sempre temos a ideia de olhar para a cidade de Curitiba como de origem europeia, e perceber que existe uma cultura afro ligada a cidade, principalmente no centro da cidade é muito bom!

[...] hoje todas as vezes que passo por esses lugares tenho memórias sobre as coisas que aprendi por conta da visita, é inevitável, passo todo dia pela Tiradentes e vejo as gameleiras e lembro-me da importância como lugar sagrado.

Sobre a divulgação do roteiro houve unanimidade nas respostas afirmando que o roteiro não é bem divulgado nem para os moradores locais muito menos para os turistas. Sobre esse tópico é importante destacar a leitura de uma das entrevistadas:

o roteiro poderia ser melhor divulgado, seria interessante que as pessoas fora do âmbito acadêmico pudessem ver, pois nós que estamos dentro da universidade temos mais acesso à informação.

[...] o roteiro não é bem divulgado, não há interesse da prefeitura em mostrar essa Curitiba negra, eu trabalhei durante dois anos no carnaval de Curitiba, e quando vêm os blocos afros que representam os terreiros de Curitiba, o pai e

santo é loiro de olhos azuis, os orixás são brancos também, até o carnaval de Curitiba é embranquecido, e de um jeito até camuflado.

Sobre o atual estado de conservação dos pontos muitos deles destacam a falta de segurança em praças e o vandalismo, entrevistado 1:

Nota-se certo abandono e descaso por meio dos órgãos públicos em diversos pontos do roteiro, alguns monumentos vandalizados e precisando de reformas encontram-se negligenciados.

Porém, um dos entrevistados afirma um fato importante:

Acredito que preservado não, mas dá pra se resgatar a história através de poucos fragmentos contanto a história. Agora não há muito que preservar só restaurar.

Também destacam a importância da acessibilidade: “[...] a questão da acessibilidade talvez não seja condizente com o que deveria ser”.

Acerca do que chamou mais atenção no roteiro por parte dos entrevistados pode-se destacar a surpresa por não saberem da existência do roteiro, frente a isso se salienta os seguintes comentários:

[...] fiquei perplexa com todo o potencial cultural e histórico oferecido pelo roteiro, que apresenta a participação dos povos afrodescendentes na construção da identidade de Curitiba, contando assim uma parte da história que por muito tempo foi tratada com negligência, indiferença e descaso.

A minha participação foi motivada principalmente pela representatividade que este roteiro pode/ têm potencial significativo a população brasileira, negra de forma geral uma vez que não temos em Curitiba roteiros direcionados a esta parcela da população. Temos memoriais, poloneses, japoneses, ucranianos, todavia não são difundidas vivências, histórias de roteiros direcionados aos negros que em se tratando de Brasil de forma geral acaba discrepante em não se trabalhar com eles uma vez que temos mais de 50% da população formada por negros e pardos e a população negra acaba não tendo "grande importância" ainda mais no Sul do país onde a população se autodenomina branca ou com descendência europeia. Temos grandes contribuidores de destaque em Curitiba que são negros, mas não são representados desta forma ou são muitas vezes "esquecidos" como é o caso dos irmãos Rebouças, responsáveis pela Ferrovia Paranaguá-Curitiba, um marco para a cidade no período além de darem nome a um bairro em Curitiba onde a população que lá reside em sua grande maioria não sabe nem o porquê do nome no bairro.

Sobre melhorias ao roteiro os entrevistados afirmaram que:

[...] o roteiro poderia ser melhor divulgado/comercializado por agências/operadoras da região visando fomentá-lo aos turistas bem como região. Elaborar o roteiro de visita para escolas municipais/particulares

com o intuito de abordar questões mais humanas em sua grade horária bem como abordar o racismo desde pequeno, educando as crianças para que tenham respeito com o próximo.

[...] eu penso que o roteiro é bem interessante, para agregar seria legal e conversas com pessoas negras que participam do movimento social para falar sobre mais pontos porque deve existir, o roteiro é bom, precisa ser mais divulgado e precisa estar no calendário da cidade!

É importante ressaltar que mesmo que a população em geral afirme a necessidade de tornar o roteiro comercial, é de extrema relevância que seja levado em consideração à ideia de seus idealizadores. Apresentaram também dicas para criação de mapas e totens de referências nos pontos. Em conformidade com os fatos apresentados acima, percebe-se que o roteiro **Linha Preta** é algo dinâmico, vivo, impulsionado pela vontade de explicar e encontrar meios que justifiquem o resgate de fatos que eram para serem esquecidos. Obviamente há um conflito de interesses entre alguns órgãos, acredita-se que pelo tema ser tão delicado e até pode se dizer que se trata de uma “novidade” para a cidade de Curitiba é de extrema relevância que haja uma união para que o bem comum seja realmente tratar e contar essa história com o máximo de respeito possível. Para extinguir esse discurso racista de invenção de tradições que elege e enquadra apenas determinadas memórias que mantem a ideia europeia e branca de civilização.

## 5 PROJETO DE TURISMO

Considerando a análise de dados obtidos através do roteiro de perguntas e das pesquisas bibliográficas realizadas, foi possível observar a necessidade de um projeto de capacitação de monitores de turismo para o roteiro **Linha Preta**. Logo, o projeto se pautará no desenvolvimento turístico do Projeto buscando, assim, profissionalizar os responsáveis pela divulgação e execução do roteiro para que, desse modo, estes possam disseminar a cultura negra curitibana, foco principal da **Linha Preta**.

## 5.1 DESCRIÇÃO DO PROJETO

O projeto terá como objetivo principal capacitar jovens interessados na causa para contribuir com o roteiro, aumentando o número de visitas oferecidas, trazendo esse conhecimento de uma Curitiba negra de maneira mais evidente e com mais força. O projeto se justifica, portanto, pelo interesse da comunidade em se trabalhar com o turismo de forma mais efetiva, principalmente ligados às questões étnicas que compõem a sociedade curitibana. Já que conforme exposto acima pelos entrevistados, participar do roteiro é uma experiência enriquecedora. Segundo o Ministério do Turismo (2007) “estar sensível significa estar apto a sentir em profundidade as impressões, participar ativamente delas e tentar intervir sobre aquilo que está à sua volta – significa deixar envolver-se”.

O projeto então se trata de um curso de formação de monitores de turismo para contribuírem com de uma maneira mais ativa no roteiro **Linha Preta**. Esses monitores têm por objeto preparar o morador para o acompanhamento, orientação e transmissão de informações a pessoas ou grupos, durante o percurso. Desta forma, adotarão todas as atribuições de natureza técnica e administrativa que serão necessárias para a realização do roteiro. Conseqüentemente, esses monitores são responsáveis por zelar pelo nome do Atrativo Cultural.

O público alvo para este projeto serão jovens de baixa renda, universitários ou não. Pois segundo Carmo (2017), os negros brasileiros correspondem a 70,8% de todos os 16,2 milhões que vivem atualmente em situação de extrema pobreza, A pobreza tem cor e o que mais ameaça os negros que vivem nessa situação de vulnerabilidade em favelas é o genocídio silenciado. Ser negro no Brasil é algo extremamente particular, cada um tem suas vivências e percepções. O autoconhecimento da negritude tem implicações sem volta no intelecto de uma pessoa negra, a militância requer força e coragem de se reestruturar diariamente. Inicialmente a intenção é dar uma oportunidade para que estes jovens possam vivenciar um novo ambiente com informações novas que contribuam para o seu futuro, ampliando a visão de mundo, principalmente sobre as questões africanas, diante do fato, pensa-se que para poder dar essa oportunidade o curso não deverá ser cobrado.

O curso de capacitação será voltado aos jovens de baixa renda, mas nada impede que outras pessoas de diferentes faixas etárias e grupos sociais possam

participar também. Toda contribuição para melhorar o roteiro e trazer todas as colaborações sobre os povos africanos de Curitiba são válidas e importantes para contar essa história inviabilizada de várias formas durante muito tempo. Pois voltar o projeto de capacitação só para alunos do curso de turismo, iria de alguma forma limitar o potencial que o roteiro tem, já que um projeto como este, desta magnitude pode beneficiar e influenciar de uma maneira significativa à vida de quem contribui e participa da construção. Segundo Barcelos (2018) essas oficinas, minicursos e palestras proporcionam momentos determinantes, fazendo toda a diferença para o profissional, que busca se firmar num mercado de trabalho cada vez mais sedento por atualização. E a educação é a base de qualquer sociedade, nesses momentos de reflexão e de aprendizado, além de fornecer ferramentas significativas, que contribuem para o desenvolvimento de competências que alimentam nosso universo e currículo pessoal e profissional.

Neste sentido o curso de capacitação poderá ser oferecido através de uma parceria entre órgãos públicos e privados (Prefeitura Municipal de Curitiba, Fundação Cultural, UFPR, entre outros). O curso deve ser dinâmico, aplicado por professores de diversas áreas, como turismólogos, historiadores, cientistas sociais e agentes culturais.

Neste primeiro momento serão abertas 30 vagas, o curso poderá ser realizado em uma sala cedida pela prefeitura em algum museu ou espaço cultural, amplo, com duração de 3 meses, com encontros semanais duas vezes na semana, com 4 horas de duração por dia. Sendo o roteiro vivo, a sala de aula seria mais como um local de apoio, o espaço físico para serem realizadas inscrições e passadas informações. Visto que, para que se possa explicar e compreender o roteiro de uma forma que não descaracterize os pontos e não desconfigure a importância dos mesmos, a maior parte do conteúdo será dado na prática, com as explicações e atividades ao ar livre, nos próprios pontos.

O curso será realizado uma vez por ano, sugere-se o mês de setembro. Ressalta-se que o coordenador do projeto deve, primeiramente, consultar a comunidade local e todos os órgãos envolvidos a respeito do tema para que se tenha domínio sobre o conteúdo que será apresentado. Considerar as ideias e sugestões dos mais sábios frente a todo esse conhecimento é uma etapa essencial para que as ações propostas no projeto se desenvolvam de maneira satisfatória. Cada encontro terá um tema, ou ponto específico que será trabalhado. Para auxiliar



no entendimento do conteúdo será disponibilizada uma publicação sobre a **Linha Preta**, contextualizando a importância do roteiro, qual o papel dos monitores dentro do roteiro, exemplo de algumas situações que podem ocorrer e como agir, importância sobre o lugar de fala, sensibilidade, cautela e discernimento sobre as mensagens que serão passadas ao público.

O maior custo do projeto está voltado aos recursos humanos utilizados, como esta é a primeira vez que o curso está sendo ofertado, o custo para a realização do mesmo neste primeiro momento será mais elevado, pagamento dos professores que darão aula e o salário dos monitores depois de formados e as comissões organizadoras. Estima-se que conforme os anos forem se passando o material utilizado poderá ser reutilizado e as parcerias e apoios firmados, o projeto poderá sofrer uma redução expressiva de custos.

## 5.2 ETAPAS PARA A EXECUÇÃO DO PROJETO

### 5.2.1 Apresentação

O projeto deverá primeiramente ser apresentado ao Centro Cultural Humaitá, já que como exposto anteriormente, é quem está realizando o roteiro atualmente, para verificar o interesse na ampliação. Após, deve expor a proposta a Fundação Cultural de Curitiba e a Prefeitura de Curitiba, visto que, há um interesse em incentivar as pesquisas, projetos e trabalhos voltados à cultura afro na cidade. Conforme Edital Nº 148/18 do Patrimônio Imaterial e Cultura Afro-brasileira 2018 que teve por propósito viabilizar o acesso dos agentes culturais locais aos mecanismos de fomento estabelecidos, por meio da concessão de apoio financeiro no valor de R\$150.000,00 (cento e cinquenta mil reais), sendo destinados à aprovação de projetos, até o montante de R\$ 125.000,00 (cento e vinte e cinco mil reais), conforme modalidades exemplificadas abaixo, sendo até 2 projetos no valor de até R\$ 25.000,00 (vinte e cinco mil reais cada) na modalidade I e até 3 projetos no valor de até R\$ 25.000,00 cada na Modalidade II, e até R\$ 25.000,00 (vinte e cinco mil reais) para as atividades de apoio à execução do edital até o limite do recurso disponibilizado pelo Fundo Municipal da Cultura para o desenvolvimento de projetos na área de atuação contemplada no patrimônio histórico, artístico e cultural, cujas propostas de levantamento do Inventário do Patrimônio Cultural Imaterial que visem

a preservação e compartilhamento deste conhecimento (cultura Afro brasileira) à sociedade curitibana através de registro das manifestações investigadas e de ações culturais, através da seleção de 5 (cinco) projetos de caráter inédito na área de memória de patrimônio imaterial abrangendo as categorias de:

I – Os saberes – como os conhecimentos tradicionais e modos de fazer típicos de um grupo ou comunidade;

II – As celebrações – como festas, rituais e demais manifestações comemorativas coletivas;

III – As formas de expressão – como manifestações literárias, musicais, artesanais, plásticas, cênicas e lúdicas;

IV – Os lugares – como mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas.

Sendo então o papel mais importante do projeto a validação do setor público e seu apoio.

Para que o projeto seja efetivado da melhor forma possível, o planejamento seguirá um cronograma de seis meses de antecedência, o qual será descrito de uma forma mais precisa abaixo.

Os orçamentos devem conter os valores, dos salários dos professores e demais administrações envolvidas para viabilizar o projeto. Água, café, publicação, crachás, uniformes, espaço utilizado, limpeza, materiais administrativos e o salário dos monitores, que deve ser pago de acordo com o número de roteiros realizado pelo mesmo. O valor cobrado aos interessados em participar do roteiro deve cobrir o valor dos custos citados acima. A partir disso faz se necessário à intervenção da prefeitura para melhorar a estrutura e segurança de alguns pontos, como foi mencionado nas entrevistas direcionadas a população local. Deve ser um trabalho em conjunto, cada um com o seu papel para que o resultado seja o melhor possível.

### 5.2.2 Descrição das etapas para execução do projeto

Conforme sugerido, é esperado que o projeto ocorra no mês de agosto com duração de 3 meses, o período foi escolhido por ser próximo ao mês da consciência negra (20 de novembro) e próximo ao período da corrente cultural, onde ocorrem muitos shows e diversas atividades na cidade de Curitiba. Desta forma a promoção do roteiro deve se intensificar nesse período, primeiro pela questão da lavagem das

escadarias que já uma tradição na cidade e principalmente para homenagear o mês da consciência negra que tem como objetivo fazer uma reflexão sobre a importância do povo e da cultura africana no Brasil. Também serve para analisar o impacto que tiveram no desenvolvimento da identidade cultural brasileira. A música, a política, a religião e a gastronomia entre várias outras áreas foram profundamente influenciadas pela cultura negra. Este é um dia de comemorar e valorizar a cultura afro-brasileira. Para a definição das datas, dos horários e do local foram consideradas como prazo máximo de execução até 6 meses de antecedência – para a devida viabilização e continuação dos demais dados do projeto – e tendo como responsável a comissão operacional.

Assim que definido o local, os horários, as datas e os professores que irão ministrar o curso, faz-se necessário definir um orçamento para a realização do evento, a fim de apresentar mais informações acerca do projeto para os possíveis parceiros, tendo como responsável a comissão administrativo/financeiro. Considera-se necessário que esteja pronto antes da etapa de captação de recursos e parcerias para o fortalecimento do evento, esta que possui como prazo máximo de execução até quatro meses de antecedência da realização do projeto, possuindo como responsável a comissão de promoção e captação.

Assim que definidos os parceiros e recursos disponíveis, a etapa de elaborar estratégias de marketing que serão voltadas a promoção pelas redes sociais e o material de divulgação tem como prazo máximo de execução 3 meses de antecedência, também de responsabilidade da comissão de promoção e captação.

Até um mês anterior à realização do evento faz-se necessária a confirmação do local, a fim de evitar possíveis imprevistos – julga-se importante refazer essa etapa na semana anterior ao evento. A responsável pela confirmação é a comissão científica. Assim que confirmados os dados, então, o período para inscrições é coordenado pela comissão administrativo/financeiro.

Tabela 1: Cronograma de Execução

<b>Prazo máx. de execução</b>	<b>Etapas</b>	<b>Responsável</b>
6 meses de antecedência	Apresentação do projeto para órgãos públicos e afins	Comissão operacional
6 meses de antecedência	Definir datas, horários e local a ser aplicado o projeto.	Comissão operacional
5 meses de antecedência	Elaborar publicação e materiais que serão utilizados	Comissão científica
4 meses de antecedência	Captar recursos e parcerias que possam viabilizar e fortalecer o projeto	Comissão de promoção e captação
3 meses de antecedência	Elaborar estratégias de marketing e material para divulgação juntamente com órgãos apoiadores	Comissão de promoção e captação
1 mês de antecedência	Confirmação de local e professores	Comissão científica
Durante os 30 dias anteriores à realização do projeto	Período de Inscrições	Comissão Adm./Fin.

Fonte: Elaboração própria (2018).

As atividades do projeto devem acontecer em três meses, sendo no primeiro mês uma atividade para conhecer um pouco a vida das pessoas que se inscreveram para serem monitores do roteiro, um bate papo sobre os motivos que levaram a participar do projeto, quais as contribuições que pretendem trazer para o projeto entre outros. A entrega da publicação que servirá como base para o conteúdo aplicado será disponibilizada nesta mesma semana.

Para a entregue aos alunos sugerem-se os conteúdos abordados abaixo:

Figura 2: Sumário Sugerido - Linha Preta

	<p><b>PUBLICAÇÃO DESTINADA AOS MONITORES DE TURISMO</b></p> <p><b>LINHA PRETA</b></p>
<b>SUMÁRIO</b>	
<p><i>1 ELUCIDANDO AS RELAÇÕES RACIAIS NO BRASIL</i></p> <p><i>1.1 Linha do tempo de 1837 a 1968</i></p> <p><i>2 CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA</i></p> <p><i>3 Lei 10639 / Lei 12288 / Lei 12711</i></p> <p><i>4 O "RACISMO A BRASILEIRA"</i></p> <p><i>5 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE COMO PESSOA NEGRA</i></p> <p><i>6 ESPAÇO E TERRITORIALIDADE NO PARANÁ</i></p> <p><i>7. ESPAÇO E TERRITORIALIDADE EM CURITIBA</i></p> <p><i>8 CONCEPÇÃO DA LINHA PRETA</i></p> <p><i>9 PONTOS</i></p>	

Fonte: Elaboração Própria (2018)

Acerca dos temas abordados, os conceitos elucidados acima, são apenas um esboço dos assuntos mais relevantes para que uma pessoa possa ter uma ideia da profundidade do roteiro.

No tópico denominado "ELUCIDANDOS AS RELAÇÕES RACIAIS NO BRASIL", a ideia é fazer um resumo sobre as leis que antecederam a abolição como a Primeira lei de educação: (negros não podem ir à escola), Lei das terras: negros não podem ser proprietários, Lei do Ventre Livre e Lei do Sexagenário. Como ocorreu a Abolição e demais conceitos importantes para o período como a Lei dos vadios e capoeiras e Lei do Boi.

O papel da atual CONSTITUIÇÃO afirmando que racismo é crime.

Lei 10639 - estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História

e Cultura Afro-Brasileira", Lei 12288 - Estatuto da Igualdade Racial, e Lei 12711 - Cotas nas universidades.

Não caçamos pretos, no meio da rua, a pauladas, como nos Estados Unidos. Mas fazemos o que talvez seja pior. A vida do preto brasileiro é toda tecida de humilhações. Nós tratamos com uma cordialidade que é o disfarce pusilânime de um desprezo que fermenta em nós, dia e noite (1957 apud PINTO; FERREIRA, 2014).

Pinto e Ferreira (2014) Destacam que A frase proferida por Nélson Rodrigues é bem ilustrativa ao se falar a respeito da questão racial no Brasil. Se existe discriminação racial no nosso país, as pessoas tendem a acreditar que é algo pontual e no âmbito do privado, não na esfera pública. Aliás, falar de raça no Brasil não faz sentido para a maioria das pessoas, pois não faz parte da boa linguagem e nem é considerado educado. No entanto, o racismo no Brasil é um fenômeno complexo, difícil de ser compreendido e enfrentado.

No capítulo sobre "CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE COMO PESSOA NEGRA", é importante destacar o que é comum às pessoas categorizarem os indivíduos quanto às suas características raciais de maneira reducionista, baseando-se exclusivamente na cor da pele – classificando-os em negros ou brancos. Para compreendermos a problemática da pessoa negra, o conhecimento de como ela se constitui no mundo, construindo a sua autoestima, autoimagem e sua maneira de existir, é fundamental que compreendamos a categoria identidade. Assim abordando os desdobramentos principalmente relacionados à região sul do Brasil. E os demais capítulos sobre a história do Paraná e Curitiba, dando importância à narrativa contada pelas oralidades dos ancestrais acerca da negritude.

No segundo mês, os participantes terão uma aula sobre a história do roteiro, como surgiu, a importância do mesmo para a cidade, qual o papel deles dentro do roteiro, a importância sobre o lugar de fala e alguns conceitos básicos que envolvem a temática, como racismo, discriminação, lugares de memória, identidade, colorismo e outros temas que podem vir a surgir ao longo do roteiro.

O terceiro mês será o mais importante, pois eles aprenderão sobre os pontos, como o site abrangeu para 21 pontos no total, o ideal seria tratar de 5 pontos nos três primeiros encontros e 6 no último. Neste momento faz-se de extrema importância o papel dos professores do projeto, falando sobre o turismo da cidade, como ajudou a desenvolver Curitiba em vários aspectos, formas de explorar os pontos de uma maneira ativa, com brincadeiras e danças africanas nos espaços, a

importância da preservação do patrimônio e as formas para manter um roteiro ainda mais pulsante. O foco é a sensibilidade, falar dos pontos com cuidado, pois não é uma história fácil de contar, mas também deve ser leve, um aprendizado, tanto para quem faz o roteiro como para quem participa.

Tabela 2: Cronograma do Curso

<b>Período</b>	<b>Atividade</b>
1º Mês	Apresentação do roteiro e participante/ Entrega da publicação <b>Linha preta</b>
2º Mês	Historia sobre o roteiro/ conceitos relevantes
3º Mês	Aulas práticas e explicações sobre os Pontos

Fonte: Elaboração Própria (2018).

### 5.2.3 Descrição dos Recursos Humanos envolvidos em cada etapa

Para que o projeto tenha continuidade e para que a divisão de tarefas seja justa e não sobrecarregue, será necessário a criação de comissões que auxiliarão em todo o processo de planejamento e execução do projeto. As comissões foram divididas em:

1. Comissão de promoção e captação de parcerias para o projeto: Esta comissão atuará como um relações públicas do evento, cuidando da promoção, divulgando-o nas empresas, meios acadêmicos, redes sociais, sites, pesquisadores e afins em busca de parcerias que possuam interesses no projeto. Nesta comissão serão necessárias 2 pessoas.

2. Comissão administrativo/financeiro: Será responsável por toda a parte financeira que o projeto demandará, cuidando dos gastos, minimizando possíveis perdas, será responsável também pelas inscrições. Nesta comissão serão necessárias 2 pessoas.

3. Comissão científica: Cuidará dos agendamentos e atividades que ocorrerão nos dias do curso, contato com os professores. Nesta comissão serão necessárias 2 pessoas

4. Comissão operacional: Ficará responsável pela realização do projeto, cuidando da recepção e monitorias nos ambientes onde ocorrem as atividades e por todo o ambiente externo do curso. Nesta comissão serão necessárias quatro pessoas.

5. Comissão turística: responsável por atrair e criar experiências turísticas importantes dentro do roteiro **Linha Preta**, ou seja, serão responsáveis pela operacionalização do roteiro.

E os quatro professores que serão responsáveis pela aula sobre os pontos e demais assuntos relevantes acerca da temática.

Além disso, para que todas as equipes possam trabalhar em conjunto, haverá um coordenador geral do evento que poderá ser o mentor do projeto ou um profissional que tenha aptidão, experiência e capacidade.

#### 5.2.4 Descrição do Orçamento e dos desembolsos por etapa

Na organização de um projeto, o orçamento prévio é um dos importantes detalhes do planejamento. É através do detalhamento dos custos do projeto, entre outras questões, que a comissão de promoção e captação irá em busca da captação de recursos e parcerias para o fortalecimento do projeto. Considerando que o espaço para a realização das atividades está sendo tido a parte como cedido por iniciativa pública, o maior custo será por parte dos recursos humanos envolvidos. Todos os gastos previstos são os listados a na Tabela 3 e 4 a seguir:

Tabela 3: Orçamento para Recursos Humanos

<b>Ações / Itens</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Tempo</b>	<b>Custos ao mês e por pessoa</b>	<b>Referência de valores</b>
Contratação de Turismólogo	1 pessoa	1 mês	R\$ 2.040,52	<a href="https://www.salario.com.br">https://www.salario.com.br</a>
Contratação de historiador cientistas sociais e agentes culturais.	1 pessoa	1 mês	R\$ 3.094,28	<a href="https://www.salario.com.br">https://www.salario.com.br</a>
Contratação de cientista social	1 pessoa	1 mês	R\$ 6.534,67	<a href="https://www.salario.com.br">https://www.salario.com.br</a>
Contratação de agente cultural	1 pessoa	1 mês	R\$ 1.239,00	<a href="https://www.vagas.com.br">https://www.vagas.com.br</a>
Coordenador do curso	1 pessoa	6 meses	R\$ 3.277,91	<a href="https://www.salario.com.br">https://www.salario.com.br</a>



Comissão de promoção e captação de parcerias para o evento	2 pessoas	3 meses	R\$ 4.080,45	<a href="https://www.salario.com.br">https://www.salario.com.br</a>
Comissão administrativo/financeiro	2 pessoas	3 meses	R\$ 1.791,49	<a href="https://www.salario.com.br">https://www.salario.com.br</a>
Comissão científica	2 pessoas	4 meses	R\$ 4.790,33	<a href="https://www.salario.com.br">https://www.salario.com.br</a>
Comissão Operacional	4 pessoas	3 meses	R\$ 3.990,97	<a href="https://www.salario.com.br">https://www.salario.com.br</a>
<b>Total</b>			<b>R\$ 164.776,79</b>	

Fonte: Elaboração Própria (2018).

A tabela 4, apresentada a seguir expõem uma descrição de ideia sobre os custos acerca dos materiais necessários para a execução do projeto.

Tabela 4: Custos do Projeto – Recursos Materiais

Item	Quantidade	Valor
Publicação <b>Linha Preta</b>	30	R\$ 1.740,00
Divulgação	-	R\$ 10.000,00
Alimentação Para Participantes	30	R\$ 3.000,00
Uniformes, Crachás E Demais Materiais De Identificação.	30	R\$ 5.000,00
Limpeza Da Sala	1	Cedida Pela Prefeitura
Espaço Utilizado	1	Cedido Pela Prefeitura
Demais Gastos (Papelaria, Canetas Etc.)	-	R\$ 2.000,00
<b>Total</b>		<b>R\$ 21.740,00</b>

Fonte: Elaboração Própria (2018).

Por fim, estima-se que o total a ser investido no projeto de pesquisa em turismo será de R\$ 186.516,79 levando em consideração todas as etapas de desenvolvimento da **Linha Preta**.

### 5.2.5 Avaliação do Retorno do Investimento

Para a avaliação dos processos, faz-se necessário a realização de reuniões semanais para que as equipes responsáveis possam trocar informações sobre o andamento do projeto e buscar soluções para possíveis problemas logísticos. Além disso, a observação acerca da qualidade das operações realizadas no processo é importante para a constatação do desenvolvimento, ou não, do projeto.

Já em relação à avaliação dos resultados, espera-se que, ao final de cada dia de curso, um relatório seja entregue para que as participantes possam dar o feedback do evento, ponderando o necessário e podendo sempre que possível melhorar o andamento do projeto. As possíveis ações corretivas em meio ao sistema podem ser, por exemplo, a melhoria dos processos, o aumento da receita destinada a tal atividade e a extinção de perdas financeiras com gastos desnecessários.

O presente projeto não visa lucro, visto seu caráter social e os recursos necessários que serão provenientes de uma parceria com o poder público. Sendo o propósito da pesquisa um maior investimento no que tange a dívida que a sociedade possui quanto ao apagamento das memórias e a Curitiba negra não mencionada, o projeto vem como uma forma de diminuir esse abismo entre a história que é contada e o que realmente aconteceu, partindo do ponto de vista daqueles que durante anos não tiveram voz. Portanto não se pode prever um retorno financeiro.

No entanto, pode-se prever um retorno qualitativo com relação aos benefícios sociais, culturais, ambientais e econômicos que o projeto de capacitação de monitores para a **Linha Preta** pode promover através do espaço que abre para a comunidade se integrar e perceber o seu valor, bem como passar a planejar e gerir o turismo de forma mais participativa.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que se pudesse continuar a pesquisa e contemplar o roteiro da forma como ele está atualmente, foi necessário realizar algumas alterações no trabalho. A primeira foi em relação ao problema de pesquisa, que inicialmente partia da suposição de que o roteiro não estivesse sendo realizado. Conforme os desdobramentos da pesquisa verificou-se que o roteiro estava sendo realizado e comercializado. Com isso em vista, a proposição foi de analisar a história do roteiro e como ele se relaciona com os mediadores e os participantes levando em consideração as características apresentadas acima sobre o contexto racial complexo da cidade. As entrevistas tiveram o papel fundamental para que se chegasse ao resultado esperado da pesquisa, sem dúvida, servirão para elucidar na prática todas as etapas do roteiro e as dificuldades enfrentadas até hoje. Infelizmente não foi possível conversar com todos os envolvidos na proposta desde o início, contudo não retira a relevância sobre todos os dados apresentados. Como a concepção da Linha teve muitas participações e interesses, houve certa dificuldade em conseguir as entrevistas por meio dos pesquisadores que contribuíram com a linha, para próximas pesquisas e projetos relacionados ao tema deixa-se como sugestão buscar um tempo maior para realização das entrevistas. .

Frente a esse aspecto a **Linha Preta** surge como um meio de sinalizar a forte presença negra no Paraná e em Curitiba. Principalmente por dar voz a uma cultura que é inviabilizada de várias formas na sociedade. “Enquanto os Leões não contarem sua história, prevalecerá a versão dos caçadores” (PROVERBIO AFRICANO). Diante de tudo que foi pesquisado nota-se que há um interesse do poder público em fazer essa retratação mesmo que a passos lentos, rumo a um futuro da igualdade. Nota-se que há um interesse sobre todas as circunstâncias que abordam o roteiro principalmente sobre a primeira impressão que é quase sempre a de surpresa por nunca terem conhecimento sobre a presença africana em Curitiba. Embora no Brasil, sempre houve uma tendência a menosprezar o racismo e tratá-lo como tema secundário é importante que todas as pessoas leiam e participem da discussão, pois o racismo não é um problema do negro, mas da sociedade brasileira.

A exclusão das pessoas negras do processo produtivo, durante o período republicano, bem como a criação de teorias racistas, a ideologia do branqueamento

e o mito da democracia racial promoveram uma situação no qual foram reforçados preconceitos e estereótipos que legitimam e reproduzem o racismo até os dias atuais. Vale ressaltar que o trabalho atual do roteiro sendo direcionado as crianças é de extrema importância visto que por muitos anos a proposta curricular de Curitiba ofereceu às crianças da rede municipal a oportunidade de que compreendessem a cidade de forma conservadora e pouco crítica com uma visão pouco politizada e individualista. A longa exposição às situações de desvalorização causa efeitos múltiplos de dor, angústia, insegurança, rigidez, alienação, negação da própria natureza e outros, deixando marcas profundas. Bauman destaca que "Num mundo que proclama a formidável capacidade de treinamento e conversão cultural, o racismo isola certa categoria de pessoas que não pode ser alcançada (e, portanto, não pode ser efetivamente cultivada) [...], devendo, pois, continuar perpetuamente estranha" (1999, p. 88). E, poderíamos completar esquecida.

Os estudos sobre as experiências concretas de enfrentamento e superação das desigualdades raciais no Brasil não apenas constituem uma temática inovadora a ser explorada, mas também é uma contribuição poderosa para a população negra buscar a afirmação de uma identidade positiva. Os desafios da transformação dessa realidade são indiscutivelmente amplos, tanto quanto indiscutível é a necessidade de tornar essa uma questão cada vez mais presente nos discursos, reflexões e ações, a fim de condenar a discriminação racial e a extirpar das relações cotidianas.

Por fim, é importante ressaltar que o racismo existe e deve ser enfrentado e eliminado, bem como é de fundamental importância construir estratégias, ações e conhecimentos acerca do impacto do racismo na construção da identidade das pessoas negras no Brasil. Esse enfrentamento é primordial para se construir uma sociedade equânime e que tenha como princípio norteador o respeito à dignidade humana e o exercício pleno da cidadania.

## REFERÊNCIAS

- AFRO-BRASILEIRA, Centro de Estudo e Pesquisa da Arte e Cultura. **O Projeto: A Linha Preta**. 2018. Disponível em: <https://linhapretacuritiba.wixsite.com/linha-preta/a-linha-preta>>. Acesso em: 28 out. 2018.
- ALCANTARA, Ricardo. **Arcadas do Pelourinho**. 2018. Disponível em: <<https://linhapretacuritiba.wixsite.com/linha-preta>>. Acesso em: 29 out. 2018.
- ALMEIDA, Camila Gino. **Um cronista na cidade: Curitiba no jornal sob o olhar de Jamil Snege 1997-2003**. 2006. 279f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós Graduação em Letras do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- ARAÚJO, Sirlene. **Ruínas São Francisco**. 2018. Disponível em: <<https://linhapretacuritiba.wixsite.com/linha-preta>>. Acesso em: 29 nov. 2018.
- ARRUSIQ, Adriana. **Museu Da Arte Sacra**. 2018. Disponível em: <<https://linhapretacuritiba.wixsite.com/linha-preta>>. Acesso em: 29 out. 2018.
- ASSECON. **Temas raciais ganham fôlego nas universidades brasileiras**. 2014. Disponível em: <https://goo.gl/Fe7uPr>; Acesso em: 20 mar. 2018.
- ANTONELLI, Diego. **Onde o Paraná é Diferente**. Gazeta do Povo. Paraná, p. 7. 22 ago. 2011.
- BAUMAN, Z. 1998. **Modernidade e holocausto**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar.
- BAUMAN, Zygmund. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BARCELOS, Wellington. **Palestras e cursos de capacitação - importância**. 2018. Disponível em: <<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/palestras-cursos-capacitacao-importancia.htm>>. Acesso em: 31 out. 2018
- BERNARDO, Edgar. **Uma Introdução ao Turismo: Conceitos, classificações e tipologias**. 2013. 26 f. Tese (Doutorado) - Curso de Diversidades Locais, Desafios Mundiais, Pelo Instituto Universitário de Lisboa, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2013.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.
- BRASIL. Ministério do Turismo. **Módulo Operacional 1: Sensibilização do Programa de Regionalização do Turismo**. Roteiros do Brasil. Brasília, DF, 2007.
- CAMPOS, Keimilin. **Largo da Ordem**. 2018. Disponível em: <<https://linhapretacuritiba.wixsite.com/linha-preta>>. Acesso em: 29 out. 2018.

CARMO, Beatriz. **A pobreza brasileira tem cor e é preta**. 2017. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/ensaio/2017/A-pobreza-brasileira-tem-cor-e-%C3%A9-preta>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**: para uso dos estudantes universitários. 3.ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.  
 CURITIBA, Fundação Cultural de. **Linha Preta**: um passeio pela história da população negra de Curitiba. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/WcLGxD>>. Acesso em: 09 maio 2018.

CURITIBA, Prefeitura de. **MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS**. 2018. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/servicos/cidadao/medidas-socioeducativas/180>>. Acesso em: 31 out. 2018.

DELGADO, André Burgos; PAZOS, Araceli Serantes. Interpretação do patrimônio, turismo e gestão de áreas protegidas: algumas aproximações. **Turismo & Sociedade**, Curitiba, v. 6, n. 2, p. 300-323, 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/UxXTj9>>. Acesso em: 18 mar. 2018.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Pesquisa em turismo**: planejamento, métodos e técnicas, São Paulo: Futura, 1998.

DIAS, Reinaldo. **Turismo e patrimônio Cultural**: Recursos que acompanham o crescimento da cidade. São Paulo: Saraiva, 2006.

DIAS, Wagner. **PRAÇA ZACARIAS**. Disponível em: <<https://linhapretacuritiba.wixsite.com/linha-preta>>. Acesso em: 29 out. 2018.

FERREIRA, Maria Nazareth. **As festas populares na expansão do turismo: a experiência italiana**. São Paulo: Arte & Ciência – Vilipress, 2001, p.16.

FERREIRA, Valéria Milena Rohrich. Tecendo uma cidade modelar: relações entre escola, currículo e projeto da cidade de Curitiba. **Educação**, [s.l.], v. 39, n. 1, p.33-45, 5 jul. 2016. EDIPUCRS. <http://dx.doi.org/10.15448/1981-2582.2016.1.17066>.

FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime. **Turismo e patrimônio Cultural**. 3. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2001. 130 p.

FRESSATO, Paola. **Bebedouro do Largo**. 2018. Disponível em: <<https://linhapretacuritiba.wixsite.com/linha-preta>>. Acesso em: 29 out. 2018.

GARCIA, Pamella. **Água pro Morro**. 2018. Disponível em: <<https://linhapretacuritiba.wixsite.com/linha-preta>>. Acesso em: 29 dez. 2018.

GOMES, Josélia Maria Loyola de Oliveira. A presença de escravos carmelitas na Fazenda Capão Alto, no Paraná: questões historiográficas. **Revista Resgate**, Ponta Grossa, v. 26, n. 1, p.173-190, 2018. Semestral.

HUMAITA, Centro Cultural. **Curitiba afro**. Curitiba: Editora Humaita, 2013. 48 p.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. **PAS - Pesquisa Anual de Serviços, 2016**. Disponível em: <<https://goo.gl/WKPTsZ>> Acesso em 09 maio de 2018.

IPPUC – INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA. **Revista Espaço Urbano**, n. 3, jan. 2003. Disponível em: . Acesso em: 30 ago. 2018

KAVANAUGH, Raphael R.; NINEMEIER, Jack D. **Supervisão em hospitalidade**. Rio de Janeiro: Instituto de Hospitalidade, 2003. Tradução: Bazán tecnologia e linguística.

KING, Joyce Elaine. A passagem média revisitada: a educação para a liberdade humana e a crítica epistemológica feita pelos Estudos Negros. In: SILVA, Luiz H.; AZEVEDO, José C.; SANTOS, Edmilson S. (Org.). **Reestruturação curricular: novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais**. Porto Alegre: Sulina, 1996. p. 75-101.

KUBASKI, Derek. **Projeto vai fortalecer memórias de grupos quilombolas**. Gazeta do Povo. Paraná, p. 9. 12 mai. 2012.

LADER, Carlos. **Praça 19 de dezembro**. 2018. Disponível em: <<https://linhapretacuritiba.wixsite.com/linha-preta>>. Acesso em: 29 out. 2018.

LEIPER, Neil. *Partial industrialization of tourism systems*. **Annals of Tourism Research**,: n. 17, p. 600-605.1990.

LICKORISH, Leonard; JENKINS, Carson. **An Introduction to Travel and Tourism**. Oxford: Butterworth Heinemann.1997

LIMA, Adriano Bernardo Moraes. Tem batucada na terra das araucárias: a experiência negra na formação da sociedade paranaense. In: COSTA, Hilton; SILVA, Paulo Vinicius Baptista da. **Notas de cultura e história afro brasileira**. 2. ed. Curitiba: Uepg, 2011. Cap. 4. p. 91-115.

MARTINS, Romário. **História do Paraná**. Curitiba: Travessa dos Editores. 1995.

MARTINS, Wilson. **Um Brasil Diferente: Ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná**. São Paulo: Editora Anhembi Limitada, 1955. 485 p.

METLING, Paulo. **Igreja do rosário**. 2018. Disponível em: <<https://linhapretacuritiba.wixsite.com/linha-preta>>. Acesso em: 10 out. 2018.

MIGUEL, Fernanda Valim Côrtes. A entrevista como instrumento para investigação em pesquisas qualitativas no campo da linguística aplicada. **Revista Odisseia**, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, n. 5, p.1-11, 2010. Semestral.

MORAES, Pedro Rodolfo Bodê de; SOUZA, Marcilene Garcia de. Invisibilidade, preconceito e violência racial em Curitiba. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 13, nov. 1999. Disponível em: <<http://goo.gl/NcirWn>>. Acesso em: 07 mar. 2018.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Secad, 2005. 204 p.

NASCIMENTO, Abdias. Projeto de Lei. N. 1.332 de 1983. **Diário do Congresso Nacional**. Brasília: Câmara dos Deputados, 15 de junho de 1983, p. 5165-5165.

PARANÁ (Estado). **Terra e cidadania: terras e territórios quilombolas**. Grupo de Trabalho Clóvis Moura. Relatório 2005-2008. Curitiba, 2008.

PARANÁ, Governo do. **Fazenda Capão Alto**. 1983. Disponível em: <<https://goo.gl/4rMYPc>>. Acesso em: 11 maio 2018.

PINHEL, André Marega. Cultura na teoria e na prática. In: COSTA, Hilton; SILVA, Paulo Vinicius Baptista da. **África da e pela diáspora: Pontos para a Educação das Relações Étnico-raciais**. Curitiba: Neab-UFPR, 2013. cap. 1. p. 33-39.

PINTO, Márcia Cristina Costa; FERREIRA, Ricardo Franklin. Relações raciais no Brasil e a construção da identidade da pessoa negra. **Pesquisas e práticas psicossociais**, SÃO Joao del Rei, v. 2, n. 9, p.257-266, 2014. Semestral.

POPPER, Karl. **A lógica da pesquisa científica**. São Paulo: Cultrix, 1974.

RAMOS, Guerreiro. Apresentação da negritude. Quilombo, ano II, n10, p. 11, jun -jul. 1950. In: NASCIMENTO, Abdias, **Edição fac-similar do jornal Quilombo**. 34. ed, São Paulo: Fundação de apoio a Universidade de São Paulo, 2003. p. 117.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

SANTOS, Brenda Maria dos *et al.* **Sob a Estrela de Salomão: A Sociedade 13 de Maio como lugar de construção da Memória e Identidade negras em Curitiba**. Brasil, 2012.

SANTOS, Sales Augusto dos. Experiências de um suposto “negro-tema” em eventos acadêmicos: “... I got my brains... I’ve got lives ...”. **Revista da Abpn**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 23, p.267-300, out. 2017.

SANSONE, Livio. Da África ao afro: uso e abuso da África entre os intelectuais e na cultura popular brasileira durante o século XX. **Afro Ásia**, Universidade Federal da Bahia, p.249-269, 2002. Semestral. Disponível em: <<https://goo.gl/t87SyB>>. Acesso em: 02 maio 2018.

SANSONE, Livio. **Negritude sem Etnicidade: O local e o global nas relações raciais, culturas e identidades negras do Brasil**. Salvador/ Rio de Janeiro: Ufba, 2004. 339 p.

SENKEVICS, Adriano. **Por que ensinar relações étnico-raciais e história da África nas salas de aula?** 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/VFsE2Y>>. Acesso em: 24 mar. 2018.



SILVA, Paulo Vinicius Baptista; COSTA, Hilton; MINDAL, Clara Brener. NEAB-UFPR e formação continuada em história e cultura afro-brasileira: Notas introdutórias. In: SILVA, Paulo Vinicius Baptista; COSTA, Hilton. **Notas de história e cultura afro-brasileiras**. Ponta Grossa: UEPG, 2007. Cap. 1. p. 13-13.

SILVEIRA, Sanderlei. **A população africana e a escravidão no Paraná**. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/MUcxYX>>. Acesso em: 10 maio 2018.

SOUZA, Ariane C. Ferreira de. Políticas Públicas de segurança alimentar e nutricional da população negra: resgate da cultura alimentar quilombola. In: PINHEL, André Marega; SANTOS, Wellington Oliveira dos. **Novos Estudos Afro Brasileiros: Trabalhos finais de Graduação**. Curitiba: Neab -ufpr, 2014. Cap. 5. p. 131-168.

SOUZA, Jurandir de. Espaço e territorialidade afrodescendente em Curitiba. In: SILVA, Paulo Vinicius Baptista da; COSTA, Hilton. **Notas de história e cultura afro-brasileiras**. Ponta Grossa: UEPG, 2007. Cap. 6. p. 145-158.

SCHMITT, Alessandra; TURATTI, Maria Cecília Manzoli; CARVALHO, Maria Celina Pereira de. A Atualização Do Conceito De Quilombo: Identidade E Território Nas Definições Teóricas. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. 10, n. 5, p.1-6, 2002. Semestral.

SCHLÜTER, R. G. **Gastronomia e turismo**. São Paulo: Aleph, 2003

TOFFOLO, Regina; CARDOZO, Poliana Fabíula. Interpretação patrimonial como forma de valorização das edificações e o desenvolvimento turístico do município de Lapa (Paraná, Brasil). **Turismo & Sociedade**, Curitiba, v. 6, n. 4, p .791-813, out. 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/yFKWvD>>. Acesso em: 07 abr. 2018.

WACHOWICZ, R. 1988. *História do Paraná*. 6ª ed. Curitiba/PR: Ed.Gráfica Vicentina Ltda.

## APÊNDICE 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA GESTORES

- 1) Nome do Órgão Gestor/Coordenador do local escolhido.
- 2) Nome da pessoa que será entrevistada, responsável pela gestão atual do local pesquisado.
- 3) Instância (Municipal, Estadual, Federal) do órgão gestor.
- 4) Como se encontra o roteiro atualmente?
- 5) Como é feita a divulgação do local aos visitantes e que meios de comunicação são utilizados para esse fim?
- 6) Que tipo de atividades serão desenvolvidas e qual a finalidade?
- 7) O que chama mais a atenção dos visitantes?
- 8) Há algum projeto relacionado à preservação do patrimônio sendo desenvolvido atualmente (ou em fase de planejamento) nos pontos do roteiro?
- 9) Há interesse em ampliar o público-alvo, recebendo turistas e população local, viabilizando guias para conduzir o roteiro?
- 10) Como está sendo feita a gestão do roteiro?
- 11) Existe comunicação entre os órgãos gestores e as secretarias a eles vinculadas para o desenvolvimento de ações que divulguem o roteiro de forma efetiva?
- 12) A quem pertence a linha atualmente?

## APÊNDICE 2 – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA POPULAÇÃO

- 1) Há quantos anos conhece e/ou mora aqui?
- 2) Já entrou e visitou alguns dos pontos ou costuma frequentá-lo? Se sim, gostou da experiência da visita?
- 3) O que esse roteiro significa e representa para você?
- 4) De acordo com a sua opinião, acha que o roteiro é bem divulgado à população local?
- 5) Na sua opinião, os pontos aos quais o roteiro abrange se encontram em um bom estado de preservação?
- 6) Qual foi sua primeira impressão do roteiro e por que decidiu participar?
- 7) Espaço para sugestão em geral e em relação a possíveis melhorias que poderiam ser feitas no roteiro, o que poderia funcionar nesse espaço, dentre outros comentários relevantes.

## ANEXO 1 – LÍCEU DOS OFÍCIOS

